



**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ  
FACULDADE TEOLÓGICA RATIO – RATIO  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**LUCIANE CARDOSO SÁ**

**O SERTÃO E A SECA DE 1932 SOB O OLHAR DO SERTANEJO:  
RELATOS E MEMÓRIAS DO POVO DE SENADOR POMPEU-CE**

**FORTALEZA--CEARÁ**

**2015**

LUCIANE CARDOSO SÁ

O SERTÃO E A SECA DE 1932 SOB O OLHAR DO SERTANEJO:  
RELATOS E MEMÓRIAS DO POVO DE SENADOR POMPEU-CE

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para à obtenção de grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes.

FORTALEZA-CEARÁ

2015

S111s Sá, Luciane Cardoso.

O sertão e a seca de 1932 sob o olhar do sertanejo: relatos e memórias do povo de Senador Pompeu-Ce. / Luciane Cardoso Sá. Fortaleza, 2015.

94 fls. Enc.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Ms. Virzângela Paula Sandy  
Monografia (Graduação) – Faculdade Ratio, Curso  
Serviço Social.

1. Campo de Concentração 2. Políticas Públicas 3. Seca  
- Memórias I. Prof<sup>a</sup>. Ms. Virzângela Paula Sandy II.  
Faculdade Ratio, Graduação em Serviço Social III. Título

CDD 361

CDU 364

LUCIANE CARDOSO SÁ

O SERTÃO E A SECA DE 1932 SOB O OLHAR DO SERTANEJO:  
RELATOS E MEMÓRIAS DO PÓVO DE SENADOR POMPEU-CE

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Serviço Social.

Data de aprovação: 08/12/2015

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes (Orientadora)

Faculdade Teológica Ratio – RATIO



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lucili Grangeiro Cortez

Faculdade Teológica Ratio – RATIO



Prof.<sup>a</sup>. Ms. Sandra Helena Silva de Aquino

Dedico este trabalho a vocês que sempre me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos e trabalharam muito para que eu pudesse realizá-los, a Deus, meus pais, Antonieta e Reginaldo. A você Gilvan, companheiro no amor, na vida e nos sonhos, que sempre me apoiou nas horas difíceis e compartilhou comigo as diversas situações de alegria e tristeza.

## AGRADECIMENTOS

Registro meus agradecimentos a todos os que compartilharam o trilhar de mais esse caminho percorrido, contribuindo, direto e indiretamente, para que eu realizasse esta pesquisa, auxiliando-me e dando-me forças nos momentos em que mais precisei.

Minha gratidão, em primeiro lugar, a Deus, por estar comigo em todos os momentos me iluminando, sendo meu refúgio e fortaleza nos momentos mais difíceis. A ele a honra, a glória da minha eterna gratidão, pelo o dom da vida, por todas as bênçãos, milagres e por ter me capacitado para vencer os obstáculos.

Deixo minha eterna admiração por mãe Antonieta, em que foi de extrema importância sua contribuição nesse trabalho, pelo o amor que me dedicaste, por ser forte e superar as diversidades da vida. Dessa forma, não posso esquecer-me da minha irmã Simone, que teve enorme contribuição nesse trabalho, pois sempre esteve presente na investigação da pesquisa.

Assim, gostaria de agradecer com muito carinho a minha orientadora prof<sup>a</sup> Virzângela, dedicar-lhe a minha eterna gratidão por ter aceitado orientar essa pesquisa e, especialmente, pela paciência e generosidade presente em cada orientação, pois jamais me esquecerei de você, nem das broncas, mas, sei que foram feitas para eu pudesse enriquecer ainda mais este trabalho.

De um modo geral agradeço a todos os que fizeram e fazem parte do núcleo gestor da faculdade Ratio e contribuí com a troca de conhecimento na formação cidadã de cada pessoa, destacando os seguintes mestres/doutores professores(as): Marliane, Keula, Guilherme, Narah, Lara, Assis, Jorge, Rafael Timbó, Lucili, Erivania, Kelly, Silvana, Barbara, Francisco (Chiquinho), Magda, Joelma, Hayeska, Cristiano, Rilda, Verbena, Roberta, Lucia de Fátima, Lauriene, Socorro, etc. MUITÍSSIMO obrigada mestres pela indicação de leitura, dicas e sugestões, que ajudaram muito no decorrer dessa trajetória.

Não posso esquecer-me daqueles amigos, que contribuíram mesmo que através de seu olhar profissional, críticas cuidadosas e orientações, já outros, estiveram sempre por perto, dando-me apoio, carinho e amizade. Reservo especialíssimos agradecimentos aos meus colegas de turma, muito obrigada pelo carinho com o qual fui recebida por vocês, com especial agradecimento àqueles mais próximos, no qual estivemos juntos em equipe para construção de trabalho, criando laços de amizade,

afetividade e partilha como, Edivânia, Fátima, Elieusa, Patricia, Silvia, Edy, Cleonice, Cecilia, Jaqueline etc.

Não é possível mencionar o nome de todos que contribuíram para a realização desse trabalho, desde já, obrigada a você que esta lendo agora por acreditar que conhecimento só é válido quando transformado em resultados, bem como, sendo transferido para outras pessoas, por isso, vamos dividir um pouco do que sabemos com o outro.

Enfim, obrigada a todos que não foram mencionados, mas que de alguma forma deram um pouco de sua contribuição e que me apoiaram ao longo dessa jornada, dando-me apoio e segurança necessários para que esse trabalho pudesse ser concluído.

“(...) A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece por um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível”.

(Euclides da Cunha)

## RESUMO

Os sertões nordestinos são caracterizados pelo seu clima quente no semiárido. Apesar, da sua pouca quantidade de chuvas é uma realidade cotidiana que causou, e ainda causa muitos transtornos à população. Em 1932, no governo de Vargas houve uma grande seca no Nordeste, e como estratégia política de socorrer a população foi concretizada por meio da instalação dos Campos de Concentrações. Assim, as frentes de trabalho se intensificaram e as políticas de emigração também, fazendo desses espaços um aprisionamento dos flagelados. Nesse contexto, este estudo se propõe a compreender a história da seca de 1932 e o Campo de Concentração do Patu, através dos relatos e memórias da população do município de Senador Pompeu-CE, analisando como a problemática da seca afetou e tem afetado a vida do povo sertanejo. Para tanto, lançou-se mão de pesquisa de natureza qualitativa através das seguintes técnicas de coleta de dados: observação direta e entrevistas baseadas no método da História Oral. A partir das análises dos relatos e das memórias dos sujeitos da pesquisa, os quais se apresentaram carregado de emoção, foi possível entender as experiências vivenciadas pelos seus antepassados no que se refere à seca e a vida de privação de liberdade e violação dos direitos humanos no Campo de Concentração do Patu. Assim, tanto este Campo de Concentração, como a Caminhada da Seca estão relacionados por seus legados da memória e sua significação aos pompeuenses é de grande relevância, pois, consideram o povo santo, aqueles que morreram de sede e fome durante a seca de 1932. Dessa forma, esse estudo também evidenciou a fragilidade da ação estatal no que se refere às políticas públicas de convivência com a seca, anteriormente classificada como políticas públicas de combate à seca.

**Palavras-chave:** Campo de Concentração. Seca. Memórias. Políticas Públicas.

## ABSTRACT

The northeastern backlands are characterized by its warm climate in semiarid region. In spite of its little rainfall is a daily reality that caused and still causes a lot of inconvenience to the public. In 1932, the Vargas government was a major drought in the Northeast, and as a political strategy to help the population was achieved through the installation of concentrations of Campos. So the work fronts intensified and migration policies as well, making these spaces imprisonment of victims. In this context, this study aims to understand the drought story of 1932 and the Concentration Camp of Patu, through the stories and memories of Pompey-EC Senator local population, analyzing how dry the problem affected and has affected the lives the backcountry people. To this end, it employed qualitative research through the following data collection techniques: direct observation and interviews based on the method of oral history. From the analysis of the stories and memories of the research subjects, which showed up full of emotion, it was possible to understand the experiences lived by their ancestors in relation to drought and the lives of deprivation of liberty and violation of human rights in Concentration camp of Patu. So far this concentration camp, like Seca Walk are related by their legacy of memory and its significance to pompeuenses is of great importance, therefore, consider the holy people, those who died of thirst and hunger during the drought of 1932. Thus, this study also highlighted the weakness of state action with regard to public policies of coexistence with drought, formerly classified as public policies to combat drought.

**Keywords:** Concentration Camp. Dry. Memories and Public Policies.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho e Conclusão de Curso
CDDH	Centro de Defesa e Direitos Humanos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SPNSD	Secretária da Paróquia de Nossa Senhora das Dores
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Seca
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
COGERH	Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
ARCE	Agência Reguladora de Serviços Públicos Delegados do Estado do Ceará
COGERH	Companhia de Gestão de Recursos Hídricos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
CEOCES	Comissão de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas
SEOCES	Superintendência de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas
P1MC	Um Milhão de Cisternas Rurais
MI	Ministério da Integração Nacional
SPR	Secretaria de Programas Regionais
PROMESO	Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-Regionais
CONVIVER	Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Semiárido
PDDF	Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira
PRODUZIR	Programa de Organização Produtiva de Comunidades
ANCAR	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Primeira etapa de organização do material .....	21
Quadro 2 – Segunda etapa de organização do material .....	21
Quadro 3 – Percentual vuliométrico de águas nos açudes .....	53

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casarão construído em 1922.....	27
Figura 2 - Peça teatral do Campo de Concentração de 1932 .....	30
Figura 3 - Cemitério da barragem Patu .....	31
Figura 4 - A 33ª Caminhada da Seca para a barragem Patu .....	32
Figura 5 - Açude Patu .....	35
Figura 6 - Período colonial .....	45
Figura 7 - Mortos da seca de 1932.....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 DESCREVENDO O PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	16
2.1 Aproximação e construção do objeto.....	16
2.2 Os caminhos da pesquisa: percurso metodológico .....	18
2.3 Lócus da pesquisa: município de Senador Pompeu-CE e a seca de 1932 ..	25
2.4 Os sujeitos da pesquisa.....	33
<b>3 AS DIFICULDADES DO SERTANEJO PARA CONVIVER COM A SECA</b> .....	39
3.1 Conceituando a seca .....	39
3.2 Uma abordagem sobre a história da seca no ceará .....	44
3.3 As principais estratégias de políticas públicas de “combate” e convivência com a seca .....	55
<b>4 AS MEMÓRIAS DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SENADOR POMPEU-CE SOBRE A SECA 1932 E O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO</b> .....	66
4.1 As memórias da seca de 1932 .....	66
4.2 As vivências no campo de concentração.....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	88
<b>APÊNDICES</b> .....	92
APÊNDICE A – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO .....	92
APÊNDICE B – ROTEIRO ORIENTADOR ENTREVISTAS .....	93
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	94
ANEXO A – DECLARAÇÃO REVISÃO E CORREÇÃO.....	95

## 1 INTRODUÇÃO

Interessei-me por esse tema, desde quando morava em Senador Pompeu-CE, ao ouvir das pessoas mais experientes, memórias dos acontecimentos tristes que se realizaram no ano de 1932 nesse município. Assim, partir de uma pesquisa na graduação em Serviço Social (RATIO) a respeito das políticas públicas, observou que esse tema perpassa toda a questão das políticas públicas. Ao tentar debruçar-me sobre a situação das políticas públicas em meio às secas nos semiáridos, iniciei o contato com as obras de Rodolfo Teófilo e pude perceber como sua escrita possuía uma força política e ao mesmo tempo uma pretensão de efeito de verdade sobre a autoimagem que ele desejava legar ao futuro.

Dessa forma, a escolha desta temática não foi aleatória, mas fruto de uma experiência de vida, em que é relativo da memória histórica, como diria Jucá “simboliza o ingresso do pesquisador num emaranhado de trilhos e atalhos, na busca de testemunhas que possibilitem a representação de ocorrências, muitas vezes registradas num passado distante” (2011, p. 15), assim, ao mergulhar nesse universo de memórias, tentamos compreender ou mesmo aprimorar conhecimentos referentes a história dos antepassados pompeuenses sobre a seca de 1932, que se faz presente no cotidiano dos mesmos, pois ainda se vive períodos difíceis de escassez.

E foi graças a difícil decisão desta pesquisadora, em regressar à Fortaleza, na perspectiva de aprimorar conhecimentos, que se intensificou a ânsia de trazer as memórias de uma experiência vivida, onde o individual jamais foge do social, pois onde há vida há história. É nessa perspectiva, que situamos este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em que traz como objetivo central “compreender a história da seca de 1932, através de relatos e memórias da população do município de Senador Pompeu-CE, analisando como a problemática da seca tem afetado a vida do povo”. Como objetivos específicos têm: identificar as principais dificuldades do sertanejo para conviver com a seca de 1932; conhecer as principais medidas estabelecidas pelo antigo governo na seca de 1932, colocando também o que está sendo imposto pela atual gestão no período de estiagem; e resgatar as memórias da população do município de Senador Pompeu-CE sobre a seca de 1932.

Para o desenvolvimento desse estudo, esta pesquisadora definiu como delineamento metodológico a abordagem de cunho qualitativa<sup>1</sup>. Este assunto bem à aproximação do objeto será abordado no 1º capítulo, intitulado como “Descrevendo o percurso metodológico”, discorreremos sobre o trajeto metodológico, prosseguindo com os instrumentos e técnicas utilizadas, bem como a aproximação e a inserção propriamente dita em campo, buscando compreender a realidade vivenciada pelo sertanejo para se conviver com a seca de 1932, no período de estiagem.

No 2º capítulo – “As dificuldades do sertanejo para se conviver com a seca: Contextualizando a seca; uma abordagem sua historia no Ceará; e as principais estratégias de políticas públicas de “combate” e convivência com a seca”, – trataremos neste tópico a pesquisa bibliográfica, no qual se explorou no material que contém informações já elaboradas e publicadas por outros autores, já constituídos de livros, artigos científicos, web sites, dicionários e enciclopédias, buscando conhecer mais profundamente sobre o processo de construção da temática em questão.

No 3º e último capítulo intitulado como – “As memórias da população do município de Senador Pompeu-CE sobre a seca de 1832 e o Campo de Concentração” – apresentamos neste as análises e/ou resultados da pesquisa de campo, documental e entrevista na perspectiva das memórias dos Pompeuenses, ressaltando suas especificidades e suas subjetividades em relação à temática explicitada.

Por fim, nas considerações finais, discorreremos sobre os apontamentos e observações desta pesquisadora e suas reflexões, através das inquietações respondidas em meio às demandas identificadas na pesquisa de campo. Assim, este tema voltasse para aqueles que vão trabalhar com as políticas públicas sociais, no caso especificamente os Assistentes Sociais, agora observe como desenvolveu o percurso metodológico.

---

<sup>1</sup> No que se refere à pesquisa qualitativa, é indispensável ter presente que, muito mais do que descrever um objeto, busca conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos. O que exige uma grande disponibilidade do pesquisador e um real interesse em vivenciar a experiência da pesquisa. Uma consideração importante nesse sentido é que a pesquisa qualitativa é, de modo geral, participante, nós também somos sujeitos da pesquisa (MARTINELLI, 1999, p. 25).

## 2 DESCREVENDO O PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 Aproximação e construção do objeto

O interesse para esse estudo do sertão e a seca de 1932 sob o olhar do sertanejo surgiu a partir de uma motivação pessoal<sup>2</sup>. Eu nasci e me criei em Belo Monte, município de Senador Pompeu-CE, vim de uma família simples de agricultores que passaram por dificuldades em períodos de estiagens, embora nunca passássemos fome ou sede. No entanto, sempre escutei dos mais velhos as tristes histórias que marcaram a grande seca de 1932. E tudo aquilo me instigou a fazer um estudo a partir dessas memórias, contribuindo para que as gerações atuais e as futuras possam compreender um pouco mais sobre a nossa história.

Graças a Deus, meus pais sempre foram muitos trabalhadores, me ensinaram a trabalhar desde cedo, mas na hora de ir para escola era sagrado, não podia faltar, e foi lá que ouvi as primeiras histórias do povo que morria de sede e fome. Quanto mais ouvia, mais me despertava interesse de saber como tudo aconteceu. E diante desse contexto aprofundaremos com detalhes as memórias dos entrevistados e interlocutores no decorrer dos capítulos.

Assim, quando ingressei no curso de Serviço Social em 2012, comecei a sentir no mais profundo íntimo a necessidade de pesquisar sobre essa temática e levar essas memórias históricas para as pessoas que ainda desconhecem, e assim, valorizar as lembranças dos conterrâneos pompeuenses.

Subsequente, a partir do 4º semestre, na disciplina de Projeto de Pesquisa I, se intensificou ainda mais o meu interesse pela temática em questão, especialmente ao ler a obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*, que é uma importante referência ao se tratar da seca como pano de fundo de suas histórias. Outro autor lido foi Graciliano Ramos em sua obra intitulada de *Vidas Secas*. Nesta o autor apresenta muito bem a realidade da família nordestina e seu sacrifício ao deslocar de tempos em tempos para locais menos castigados pela a seca em busca de sobrevivência. Também foi muito marcante a obra *Migalhas do Sertão*, de João Paulo Giovanazzi, que retrata as memórias vivas da seca de 1932 e o Campo de Concentração instalado nesse mesmo ano na barragem Patu.

---

<sup>2</sup> Peço licença aos leitores para utilizar a primeira pessoa neste segundo capítulo, por se retratar da experiência pessoal desta pesquisadora em relação aos caminhos que levaram a esta pesquisa.

Estas memórias estão representadas por meio das ruínas dos casarões que ainda se encontram em pé. Através dos relatos e depoimentos de sobreviventes, percebe-se a veracidade dos fatos expostos e, dessa forma, é necessário trazer um pouco das lembranças de GIOVANAZZI que diz o seguinte;

O ontem serve para entender o hoje e para preparar o amanhã, seja na vida pessoal, seja na vida social e comunitária; especialmente quando o passado é rico de história e cheio de pessoas grandes e pequenas que souberam participar ativamente da construção do bem comum da cidade (GIOVANAZZI, 1998, p. 83).

Portanto, cada pessoa carrega sua história, sua singularidade, seja ela lembrada nos momentos felizes ou tristes mais por trás do aparente estão as mais ricas memórias da vida. E foi nessa trajetória de indagações que pude aprimorar o delineamento desta pesquisa, ou seja, compreender a realidade de pessoas que vivenciaram a seca de 1932, por meio de relatos e memórias dos descendentes que sobreviveram esse período de estiagem.

Nesse percurso, diante da trajetória de memórias pude recordar que a partir do 6º semestre na Disciplina de Pesquisa II, continuei com no propósito de compreender ainda mais a história da seca. Prosseguindo em Trabalho e Conclusão de Curso – TCC I, aprimorando o delineamento desta pesquisa, ou seja, embora estejamos conscientes dos limites dessa proposta investigativa, considero relevante para a sociedade este estudo porque esperamos contribuir para elaboração de outras pesquisas desenvolvidas nas políticas públicas compatíveis para a população local e municípios vizinhos de Senador Pompeu-Ce.

Nesse delinear das memórias, recordo que meus avós diziam, pois viram muita gente morta, os enterros eram feitos jogando os mortos nas valetas que eram escavadas pelos familiares dos falecidos. Assim, o aprofundamento deste tema ofereceu-nos uma análise minuciosa dos problemas sociais decorrentes da seca de 1932, permitindo desenvolver a capacidade de pesquisa e aperfeiçoamento da competência investigativa.

Entretanto, buscamos o município de Senador Pompeu-Ce para essa pesquisa, de acordo com a historiadora Rios (2001), esse é o único município onde se encontra vivo a memória do Campo de Concentração. Por exemplo, na forma material temos o cemitério da Barragem do Patu, sendo considerado um espaço sagrado para visitação, e alguns casarões construídos para abrigar os ingleses que

continuam em pé. Enquanto, exemplo imaterial apresenta-se a religiosidade popular, visto nas romarias, em que as pessoas rezam e pagam promessas.

Nesse contexto surgiu o seguinte questionamento: a partir de relatos e memórias da população do município de Senador Pompeu-Ce como o povo analisa os problemas sociais decorrentes da seca de 1932?

Diante do exposto, faz-se necessário traçar o caminho a ser percorrido pela pesquisa. Desse modo, apresenta-se em seguida, percurso metodológico utilizado para direcionar, através dos métodos de precisão do objeto de estudo, no que diz respeito à investigação deste recorte da realidade social, bem como sua análise e interpretação.

## **2.2 Os caminhos da pesquisa: percurso metodológico**

Partimos do pressuposto de que a metodologia é o caminho a ser percorrido e definido pelo pesquisador a fim de alcançar os objetivos da pesquisa. Assim, considerando o objeto desse estudo, lançamos mão da pesquisa qualitativa, pois a nossa preferência por essa abordagem deve-se a uma pesquisa histórica, ao mesmo tempo científica voltada para a compreensão de sistemas subjetivos, sejam eles grupais ou sociais, visando assim, o estudo de interpretar a realidade vivenciada em memórias com discursos, costumes, tradições e culturas, ou ainda, emoções das lembranças nunca esquecidas, compreendida no dizer de MARTINELLI (1999, p.26), que há três considerações para a pesquisa qualitativa.

A primeira é quanto ao seu caráter inovador, como pesquisa que se insere na busca de significados e atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais; a segunda é quando à dimensão política desse tipo de pesquisa que, como construção coletiva, parte da realidade dos sujeitos e a eles retorna de forma crítica e criativa; a terceira é que exatamente por ser um exercício político, uma construção coletiva, não se coloca como algo excludente ou hermético, é uma pesquisa que se realiza pela via da complementaridade, não da exclusão.

Com embasamento na autora supracitada MARTINELLI, não há nenhuma pesquisa qualitativa que se faça à distância de uma opção política. Nesse sentido, a metodologia qualitativa é plena de intencionalidade, buscam objetivos explicitamente definidos, em que a pesquisa qualitativa nunca é feita para o pesquisador, seu sentido é social, portanto deve retornar ao sujeito.

Assim, partimos para a pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2006), a pesquisa bibliográfica consistirá no percurso do trabalho desenvolvendo desejos, anseios para o pesquisador. Primeiro o de ser o mais coerente possível e o segundo, de poder efetivá-lo na prática. Isso não significa dizer que o método de pesquisa bibliográfica revelará a verdade absoluta, mas complementado nas ideias de Demo (1995), a pesquisa bibliográfica compreende-se ser um conjunto de informação armazenada por intermédio do conhecimento interdisciplinar, da experiência ou da aprendizagem, ou seja, não existe uma única forma de apreendê-lo, e sim o método mais adequado em determinado momento para cada tipo de pesquisa e objetivos.

Portanto, a pesquisa bibliográfica se corroborou a ideia dos principais autores como: RAMOS (1938); OLIVEIRA (1981); BERGSON (1990); NEVES (1994); DEMO (1995); GIL, (1996); GIOVANAZZI (1998); MARTINELLI (1999); LAKATOS e MARCONI (1999); MANZINI (2003); QUEIROZ (2004) e MINAYO (2010), dentre outros.

Diante desse propósito investigativo, o levantamento bibliográfico é muito importante, cujo tema perpassa a questão da seca de 1932, pois o método biográfico, também é conhecido como história oral. Dessa forma, o delineamento desta pesquisa está voltado para discursões referente às seguintes categorias: Seca, Campo de Concentração, Memórias e Políticas Públicas, no qual prevalecem as observações e pontos de vista dos sujeitos, ou seja, o foco volta-se para o relato feito pelos próprios indivíduos sobre a história dos seus antepassados.

Após a coleta de informações, as narrativas orais foram transcritas, na forma de fichamentos detalhados, para que em seguida, pudessem ser relacionadas com o levantamento bibliográfico. Assim, realizaram-se a discussão e análise dos dados, no embate teórico de ideias e perspectivas de diversos autores e dos sujeitos da pesquisa. A importância deste processo é que o material escrito permite

ao pesquisador um novo tipo de trabalho, a consciência de que durante a pesquisa, estará trabalhando com dois materiais distintos: as memórias faladas, que o pesquisador registra em sua própria memória, e que até inconscientemente estão presentes durante a análise, e o material escrito, que lhe exige novas atenções. Se as entrevistas faladas são ricas e cheias de elementos novos que vão se apresentando às vezes aos poucos, à medida que se escuta várias vezes cada gravação (DEMARTINI, 1992, p. 54).

Vale ressaltar, que para veracidade dos fatos foi respeitados a singularidade dos sujeitos, pois a memória é uma das maiores fonte de informações. Nesse sentido, recorreremos para a análise dos documentos, escolhendo fontes de informação como jornais, revistas e até aqueles que ainda não receberam organização ou mesmo publicação como, por exemplo, os documentos localizados nas Secretárias das Escolas, Paroquia, Centro de Defesa e Direitos Humanos (CDDH) deste município de Senador Pompeu-Ce, pois estes são registros exclusivos dessas organizações e guardam um valor histórico incalculável.

Assim, também usamos nossa imaginação, na busca por pesquisadores mais aguerridos, com sede de pesquisa, sabendo que os documentos mais reveladores se escondem, às vezes, vem de onde menos esperamos, pois, na busca incessante por fontes documentais surgiram pessoas querendo ajudar de alguma forma, indicando, referenciando para que pudéssemos encontrar outras fontes, por exemplo, o livro “Migalhas do sertão” de Giovanazzi (1998) encontrado na secretária da paróquia de Nossa senhora das Dores em Senador Pompeu-Ce. Foi uma fonte documental de extrema importância nesta pesquisa, por coincidência uma depoente desta pesquisa deixou seu testemunho neste livro que narra o seguinte: “em 1932 eu tinha onze anos quando começou a Concentração da seca”, (GIOVANAZZI, 1998, p.14).

Dessa forma, observamos que esta é uma das poucas sobreviventes da seca de 1932, e viu de perto o tratamento desumano sofrido pelo povo que viveu no Campo de Concentração em Senador Pompeu-Ce. Este livro também caracteriza o município, trazendo um pouco do seu perfil básico, em forma de gráficos, tabelas, dados atualizados de acordo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE.

Nesta fase do estudo, foi realizada uma primeira organização do material, quando se tornou indispensável olhar para o conjunto de documentos de forma analítica, buscando averiguar como poderia proceder para torná-lo inteligível, de acordo com o objetivo dessa investigação. Todos os documentos eram arquivados em pastas ao mesmo tempo em que dava prosseguimento à coleta dos dados. O critério estabelecido para tal organização foi à fonte documental, as leituras e fichamentos também tiveram papel central nessa fase, além de algumas transcrições de trechos que poderiam ser utilizados posteriormente.

Organizar todo o material não foi uma tarefa fácil, processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como

fichamento, levantamento qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio. Dessas ações, no estudo realizado, resultaram dois quadros. O primeiro deles sintetizou a classificação realizada sobre todo o material obtido, seguindo a cronologia das publicações.

**Quadro 1 – Primeira etapa de organização do material**

<b>Título</b>	<b>Caracterização do Material</b>	<b>Caracterização do conteúdo das fichas</b>
Fichas RB	Fichas de referências bibliográficas: pesquisas e autores que poderiam contribuir para análise dos dados.	Referência completa do periódico, número de páginas, local em que foi encontrado e respectivo identificação catalográfica, resumo e citações de alguns trechos, código atribuído, notícias de jornal.
História	Livros, textos cuja temática se refere à história da seca no Ceará.	Além da referência completa de cada documento, foram listadas “palavras chaves” (com o número da página correspondente) e citados trechos que poderiam ser utilizados posteriormente.
Leitura 1	Textos acerca da relação entre teoria e prática relacionada ao tema desse estudo e textos sobre metodologia de pesquisa.	Além de referência completa, resumo e algumas citações, em algumas fichas foram anotados reflexões sobre memórias, seca, Campo de Concentração, dentre outros assuntos.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2015.

O segundo quadro, conteve as temáticas que mais insistentemente ocuparam o universo de pesquisa.

**Quadro 2 – Segunda etapa de organização do material**

<b>Título da Pasta</b>	<b>Descrição do material de cada pasta</b>
Estudos de casos referentes à temática seca	Publicações que trata o tema em questão sejam eles decorrentes do passado, presente ou futuro histórico, mas que traga a credibilidade, confiabilidade, proximidade e profundidade dos fatos expostos.
Pensamento e linguagem	Transcrição detalhada das falas dos depoentes, respeitando o pensar e a linguagem de cada um.
Postura política diante dos diversos assuntos, articulada com a teoria e prática.	Escritos que ao abordarem temáticas diversas relacionadas à pesquisa, expressam posições de ordem política e teoria metodológica da autora. Em tais publicações, evidencia-se a defesa da ideia de que o desenvolvimento científico atendam as necessidades e práticas imediatas que solucionar os períodos de grande estiagem.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2015.

De certa forma, esses quadros se constituíram num banco de dados de informações, cuja vantagem consistiu em poder relacioná-las, sem perder de vista a

contextualização dos diversos autores, seguindo os critérios de assuntos, ou seja, aspectos temáticos e conceituais das publicações. Com isso, tornou-se mais importante manter juntos determinados documentos que tratavam explicitamente do mesmo assunto, independentemente de correlação cronológica.

Nesse momento, foi fundamental analisar os textos e encontrar a linha mestra que os conduzia, relacionar um ao outro, reconhecer a gênese dos principais trabalhos que problematizavam a abordagem da seca e seus métodos de pesquisa, sobretudo, identificar os eixos teóricos com os quais ela mais se identificava. Como se observa, o próprio material dirigiu o estabelecimento dos temas que viriam a compor as categorias de análise, diferentemente da organização antecedente, na qual a fonte e data de publicação orientaram o trabalho.

Para desenvolver a análise, além de contar com os arquivos organizando toda a documentação e com as fichas de leitura, foram construídos ponto de vista na pesquisa quantitativa, assim, foi averiguada a frequência com que os diversos autores eram apontados nas formulações conceituais da problemática seca. Logo, essa pesquisa documental foi de extrema importância porque se contextualizamos a memória viva das pessoas que se dispõem a relatar sobre a sua vida, seu passado, assim, foi necessário saber articular para que haja confiança de ambas as partes, pois o enfoque histórico é dado pelo sujeito que viveu a própria experiência e/ou recebeu de seus descendentes.

Assim, foi constituída uma análise dos documentos que transmitem ao pesquisador a realidade do passado, comparando com o momento atual, no qual estamos vivendo mais um ano consecutivos de seca. Com base em cada documento, analisado minuciosamente cada detalhe, é possível enxergar o fenômeno da seca numa visão totalizante, pois o problema é de todos e não restringe apenas um grupo de pessoas que se encontra no poder.

Após o levantamento documental, reunindo uma grande quantidade de informações foi feita uma visita de campo nas Secretárias das Escolas, Paroquia, (CDDH) localizados do município de Senador Pompeu-CE para conversar com seus coordenadores, destacando-se a importância deste trabalho para o município. Nesta visita foi necessário fazer um agendamento com antecedência, pois não foi preciso fazer ofício.

Para compreensão das informações descritas acima, foram necessário utilizar a pesquisa de campo para alicerçar esse estudo, entendido por Lévi-strauss através da seguinte ideia:

A pesquisa de campo, por onde começa toda a carreira etnológica, é mãe e ama-de-leite da dúvida, atitude filosófica por excelência. Essa dúvida antropológica não consiste apenas em saber que não se sabe nada, mas em expor resolutamente o que se acredita saber e a própria ignorância, aos insultos e aos desmedidos que infligem a ideias e hábitos muitos caros, àqueles que podem contradizê-lo no mais estritamente filosófico que a etnologia e distingue da sociologia (LÉVI-STRAUSS, 2003 apud MINAYO, 2010, p. 201).

Nesse sentido, percebemos que na pesquisa de campo o autor Lévi-strauss (2003) usa o termo mãe como se fosse o princípio, onde pretendemos buscar informação diretamente com a população pesquisada. Como exige do pesquisador um encontro mais direto, isso quer dizer, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Então, nessa pesquisa nós também somos os sujeitos e conforme já relatamos, foi realizada no município de Senador de Pompeu-CE.

Assim, os sujeitos pesquisados foram os filhos e/ou netos dos sobreviventes da seca de 1932. Contudo, de acordo com Levine et al. (2008) a amostra utilizada será de forma sucinta e pode ser definida, como uma parcela de uma população selecionada para fins de análise. Diante desse contexto, para facilitar o percurso até os sujeitos entrevistados, usamos alguns critérios de seleção dos mesmos como: ser filho ou neto de sobrevivente da seca de 1932; residente em Senador Pompeu-CE; more próximo ao local em que foi instalado o Campo de Concentração; alguém que aceite participar da pesquisa e não sinta receio de expressar as memórias dos seus antepassados.

E como se trata de uma pesquisa qualitativa o número de entrevistados se deu pelo método de saturação, ou seja, percebemos que as respostas se tornaram repetitivas a cada pergunta, por isso fomos obrigados a encerrar, suspendendo a inclusão de novos participantes, pois os dados obtidos passaram a apresentar certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. Noutras palavras, as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo

significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados.

É válido acrescentar que os sujeitos da pesquisa foram devidamente orientados e de livre espontânea vontade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que se encontra no apêndice - C deste trabalho. Assim, serão preservados os seus anonimatos nesta pesquisa e que serão identificados de acordo com o nome escolhidos por eles mesmos.

Diante desse contexto, usamos para coleta de dados, a entrevista semiestruturada, orientada por um roteiro previamente elaborado que no dizer de Manzini (1990/1991, p. 154):

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Dessa maneira, as técnicas da entrevista favorecem a observação direta, o diálogo e a interação entre os sujeitos da pesquisa, inclusive a análise. No linear desse estudo a entrevista parte dos questionamentos básicos que são apoiados por teorias e/ou hipótese, em que posteriormente oferecem grande campo para interrogativas, dando fruto para novas necessidades ou hipóteses que vão surgindo à medida que se acolhem as respostas dos informantes ou pessoas entrevistadas.

O uso da entrevista semiestruturada foi muito importante, pois nos possibilitou o fortalecimento do vínculo com as pessoas ou sujeitos da pesquisa que puderam descrever livremente sobre as suas memórias vivenciadas pela seca de 1932. Desse modo, o sujeito foi orientado por esta pesquisadora sobre o foco da pesquisa e teve oportunidade de participar na elaboração da investigação. Após, a entrevista houve o processo de transcrição e em seguida, digitadas “respeitando-se o vocabulário, o estilo da resposta e as eventuais contradições da fala [...]” (CHIZZOTTI, 2005, p.58).

No entanto, cabe aqui lembrar, que a entrevista semiestruturada é uma das formas para coletar os dados, pois ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta ou entrevista. Assim, foi necessário escolher um número de pessoas a ser entrevistadas, em que

nossa amostragem voltou-se para a representação qualitativa dos diversos segmentos, pois procuramos explorar o máximo cada informante, atentos à qualidade das informações e contribuições que cada um possui e que irão ao encontro dos objetivos da investigação da pesquisa.

Diante do discurso, foram entrevistadas sete pessoas, sendo que uma delas era sobrevivente da seca de 1932. E, para análise das entrevistas realizadas, adotou-se o método de análise dos dados qualitativos, compreendida como um conjunto de técnicas da pesquisa. Nesta fase de análise percebemos a deficiência, enquanto pesquisadora, não familiarizada com o método de análise, que recorreu aos materiais, geralmente em forma de livros, sobre o assunto. Para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo foi necessário superar a tendência ingênua e acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador.

Dessa maneira foi preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade. Assim, do ponto de vista operacional, a nossa análise inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos. Segundo Minayo (2007), a análise do discurso situa-se ao mesmo tempo em uma apropriação da linguística tradicional e da análise de conteúdo, bem como na crítica dessas abordagens, evidenciando que elas são práticas-teóricas historicamente definidas de uma determinada realidade.

Esse processo de apreensão e compreensão da realidade inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidos pelo pesquisador para alcançar respostas ao objeto de estudo proposto. Desse modo, constatando os procedimentos metodológicos escolhidos, veremos a seguir, o lócus da pesquisa, ou seja, abordagem sobre o contexto histórico do município de Senador Pompeu-Ce e a seca de 1932.

### **2.3 Lócus da pesquisa: município de Senador Pompeu-CE e a seca de 1932**

Ao explanar sobre o lócus da pesquisa, foi necessário entrar no contexto histórico de Senador Pompeu-CE, em torno da categoria central seca, especificamente no ano de 1932, pois esta pesquisa parte do ato de investigar a realidade para compreender os fenômenos sociais.

Durante a pesquisa de campo tivemos a oportunidade de visitar a Secretária da Paróquia de Nossa Senhora das Dores (SPNSD) no município de Senador Pompeu, pois isso nos favoreceu mergulhar na sua historicidade.

Antes Senador Pompeu era chamado de Humaitá, conforme o historiador Giovanazzi (1998), em registros encontrado na Secretária da Paróquia supracitada acima, recebeu o nome de Humaitá desde a época da colonização, em homenagem a um Índio que permaneceu no local. Este Índio era chamado de Maitacá, traduzido pelos portugueses colonizadores ou mesmo por brasileiros desbravadores para Humaitá.

Posteriormente, Humaitá se tornou vila pela Lei nº332 em 03 de setembro de 1896 em homenagem ao Senador da República Tomas Pompeu de Sousa Brasil, que patrocinou a construção da linha de ferro. Durante o império da República Velha, várias vilas foram transformadas em cidade, e com Senador Pompeu não foi diferente.

Com o estabelecimento da lei estadual nº 332, esse município emancipou-se politicamente, recebendo status de cidade em 1901. E teve seu campo econômico favorecido, como principal matéria prima o algodão. Seu cultivo é propício à época por ser uma planta de fácil adaptação com o clima seco, pois tudo se aproveitava, a pluma era logo vendida e saía de trem com destino à Fortaleza. Dos caroços era extraído o óleo, dos resíduos, enfim, as tortas serviam para alimentar o gado, e a impureza para preparar adubo. Diante desse contexto Giovanazzi complementa:

no ano de 1919 é uma data importante também do ponto de vista do desenvolvimento econômico de Senador Pompeu, que se tinha tornado centro de referência do cultivo do algodão, especialmente graças à linha de ferro que favorecia a ligação com Fortaleza. Naquele ano, com efeito, foi fundada a maior indústria algodoeira da cidade (GIOVANAZZI, 1999, p. 26).

A indústria algodoeira recebeu o nome de usina São Gerardo, seu primeiro proprietário foi o Sr. Abílio Gurgel, a ele é dedicada à travessia com a Rua Santos Dumont, no qual se transformou na indústria de algodão. Mas, o que ninguém contava era com a praga do bicudo que acabou com o cultivo do algodão e deu início ao triste êxodo rural. Logo, a usina São Gerardo fechou as portas, pois não tinha a matéria prima de produção e junto aos altos juros bancários, houve o decréscimo da economia local.

Nesse mesmo ano o Nordeste foi devastado por uma imensa seca, e como o município de Senador Pompeu-CE faz parte das regiões semiáridas, não foi mais possível negligenciar a seca vivida nos sertões nordestinos. Então, foram realizados os primeiros estudos para amenizar o problema de escassez, ou seja, a execução da barragem do Rio Patu, com a finalidade de dar suprimento d'água à cidade, bem como perenizar e regular o Rio Banabuiú no qual depois de três quilômetros entra o Rio Patu.

O contrato para a construção do açude Patu foi assinado em 1921 entre a antiga Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), que atuava naquela época, depois transformada em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), atualmente conhecido como Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS)<sup>3</sup>, e a firma inglesa Dwight P. Robinson & Co.

Após a assinatura do contrato começaram a construir os primeiros casarões para abrigar os engenheiros da obra. Observe a seguir o registro como está datada nos frontões da Casa de Comissão construída em 1922.

**Figura 1- Casarão construído em 1922**



Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/campos-de-tormento-1.1217420>.

<sup>3</sup> Dentre os órgãos regionais, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS se constitui na mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste. Criado sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS através do Decreto 7.619 de 21 de outubro de 1909 editado pelo então Presidente Nilo Peçanha, foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido. O DNOCS recebeu ainda em 1919 (Decreto 13.687), o nome de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS antes de assumir sua denominação atual, que lhe foi conferida em 1945 (Decreto-Lei 8.846, de 28/12/1945), vindo a ser transformado em autarquia federal, através da Lei nº 4229, de 01/06/1963.

O que servia de abrigo para os engenheiros, atualmente, como mostra a figura acima restam apenas ruínas desses casarões, ou seja, as paredes caindo os pedaços, em que aos poucos vão esquecendo sua história, memórias de vida, e ainda vale ressaltar que o município de Senador Pompeu<sup>4</sup> está localizado no Nordeste brasileiro com grande parte de seu território situado no semiárido<sup>5</sup>, mas especificamente, no interior da região Sertão Central, no qual mostra a escassez como um fenômeno relevante. E com o aumento dos problemas decorrentes da seca a economia do algodão enfraqueceu, pois o algodão não era mais considerado o ouro branco no Nordeste brasileiro.

Subsequente, no ano de 1923 iniciaram os trabalhos de construção da barragem do Patu que se deu após a criação do DNOCS. Para a construção era necessária uma grande infraestrutura financeira. Mas, no decorrer das construções foram faltando recursos para continuar as obras, e dessa forma infelizmente, foram paralisados os serviços por ordem do novo Presidente Artur Bernardes, junto com as outras obras de açudes no Nordeste.

Dessa forma, a construção da barragem Patu<sup>6</sup> foi marcada por atos de violação de direitos, a começar pelo cancelamento das obras em 1924, que em seguida abriu os portões do canteiro de obra abandonado para a efetivação da política de confinamento dos flagelados.

Ao falar da população flagelada, segundo Teófilo “o terror era geral, por toda parte via-se o pranto, a desolação. Raro era o dia em que os urubus não denunciavam uma carniça humana, um corpo que apodrecia nos arrebaldes da cidade” (2002, p. 249).

Em virtude, desses acontecimentos e com os períodos de estiagens seguidos no Nordeste, à seca de 1932 chegou. Conforme, relatos de historiadores como Teófilo esta seca foi uma das mais severas que se tem notícia na região, e

---

<sup>4</sup> O Município de Senador Pompeu-CE conta atualmente com quatro distritos: Engenheiro José Lopes, São Joaquim do Salgado, Codiá e Bonfim.

<sup>5</sup> Esse município está localizado cerca de 274 km de Fortaleza, com população equivalente de 26.469 segundo o censo 2010, sendo 41% destes residindo em área rural.

<sup>6</sup> A Barragem Patu veio de fato a ser concluído as obras no ano de 1987.

marcou profundamente a memória da população que sofreu suas consequências, assim como, as gerações posteriores.

Ao constatar a seca de 1932 envolvendo o Campo de Concentração, ou Curral dos Flagelos<sup>7</sup>, assim, já era denominado dessa maneira pelos próprios retirantes durante esta seca. Rapidamente, foram construídos vários Campos de Concentrações, mas o de Senador Pompeu-Ce teve sua particularidade, pois ele se localizava exatamente na "Vila dos Ingleses" que havia sido utilizado na construção do açude público, e, também contava com uma infraestrutura ferroviária central, que deveria amenizar os problemas causados pela seca.

A linha férrea era o principal referencial dos flagelados<sup>8</sup>, ou seja, era o principal meio de transporte daquela época no trajeto interior-capital. Conforme, Pompeu, as ferrovias "integrariam os sertanejos na órbita da vida social e viciosa das cidades litorâneas", (1982, p.34). Havia Campo de Concentração dispostos em todo o território cearense, desde o Cariri até Fortaleza, dispostos de forma a compreender toda a região interiorana<sup>9</sup>.

O Campo de Concentração teve tanta repercussão, em que foi realizada uma apresentação teatral (01/12/2012) contando os detalhes desse local vivido pelo povo no município de Senador Pompeu-Ce, e vale ressaltar que estão de parabéns os idealizadores desse projeto, Valdecy Alves e Fram Paulo juntamente com todo seu elenco por não deixar que essa história seja esquecida. Observe na figura seguinte, registro por meio de um convite dessa peça, em que mostra claramente o tratamento desumano de como o povo era tratado.

---

<sup>7</sup> A utilização da palavra curral se refere ao aprisionamento, fazendo-se um paralelo com o gado, que precisa ser aprisionado em currais para não fugir. Dessa forma, equiparava-se o retirante dos campos de concentração, ao gado que deveria ser enclausurado, evitando-se assim sua fuga.

<sup>8</sup> Os retirantes, quando não podiam comprar a passagem de trem, seguiam caminhando no percurso da linha férrea. Em momentos subsequentes, agravadas as dificuldades e carências, os trens eram invadidos e tomados pelos flagelados. Alguns retirantes, assolados pela fome e pelas doenças, não conseguiam chegar aos campos de concentração, assim era comum encontrar corpos ao longo das margens das estradas de ferro (POMPEU, 1982, p. 34).

<sup>9</sup> Os Campos de Concentrações foram instalados nas seguintes localidades: em Senador Pompeu, com o Campo de Concentração do Patu; no Crato, com o Campo de Concentração de Buriti, o único que ficava mais afastado de uma estação ferroviária, sendo a de Cedro a mais próxima; em São Mateus (atual município de Jucás), com o Campo de Concentração de Cariús; em Quixeramobim, com o Campo de concentração de Quixeramobim; em Ipu, com o Campo de Concentração de Ipu; e nos bairros fortalezenses Pirambu, com o Campo de Concentração do Urubu, e Otávio Bonfim, com o Campo de Concentração do Tauape ou, como também era denominado, Campo de Concentração do Matadouro.

**Figura 2- Peça teatral do Campo de Concentração de 1932**

**CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE 1932**  
a união da seca, com a seca de homens

*Convite*  
O Instituto Casarão de Cultura e Cidadania e a Associação Cultural Hugo Pinheiro convidam para a apresentação da peça teatral *Campo de Concentração de 1932, a união da seca com a seca de homens, que representa o campo de concentração ocorrido no Município de Senador Pompeu, Estado do Ceará, no ano de 1932. Onde flagelados da seca foram confinados no canteiro de obras abandonado da barragem Patu e viviam em condições desumanas, onde mais de 16 mil flagelados foram confinados.*

Apresentação:  
Cia. Engenheiros da Arte e Grupo Arautos do Bonfim  
Texto: Valdecy Alves Direção: Fram Paulo

01 de dezembro de 2012  
20:00h - Parque Beija-flor  
Milhã-CE

Realização: Produção: Apoio Cultural: ESTE PROJETO É APOIADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA LEI Nº 13.811, DE 20 DE AGOSTO DE 2008 GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIA DA CULTURA

Fonte: <http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2013/11/dia-nacional-da-cultura-ano-2013-uma.html>.

Observando a figura e a mensagem do lado, pois, só confirma a veracidade dos fatos expostos. De acordo, dados no jornal “Nordeste” da época, mais de dezesseis mil retirantes da seca foram atraídos para Senador Pompeu-Ce, com a promessa de trabalho e comida. Como ficou explícito na peça teatral “Campo de Concentração de 1932, a união da seca com a seca de homens”, mas, a realidade vivenciada pelos nordestinos era outra, ao chegarem à cidade, todos os retirantes e suas famílias eram concentradas em torno dos casarões. Como flagelados o povo era confinado no canteiro de obras da barragem Patu e viviam em condições desumanas.

Nesse período o Nordeste recebia apoio do Governo Federal para superar a grande estiagem, com parceria junto ao DNOCS ofereciam trabalhos nas construções de açudes e linha férrea. Apesar, desses serviços não serem suficientes para atender a fome do povo nessa região, ainda, ficavam a mercê de ações públicas assistencialistas que nem sempre funcionavam, ou seja, os alimentos juntamente com outros mantimentos eram extraviados.

Essa medida, em reunir o povo no campo de concentração foi tomada pelo Governo Federal para que os mesmos não viessem invadir as cidades circunvizinhas. De acordo, com os depoentes considerados filhos ou netos dos sobreviventes da seca de 1932, havia precarização do trabalho, a comida era distribuída por migalha, água de má qualidade, tudo isso foi adoecendo o povo e

várias pessoas morreram vítimas de doenças. Observe na figura a seguir, local onde foram enterradas as pessoas, possui 1.089m<sup>2</sup> de área quadrada.

**Figura 3 - Cemitério da barragem Patu**



Fonte: [http://valdecyalves.blogspot.com.br/2010\\_11\\_01\\_archive.html](http://valdecyalves.blogspot.com.br/2010_11_01_archive.html).

Este é o cemitério que veio de fato ser concluído junto aos trabalhos da barragem Patu no ano de 1987, localizado ao lado desse açude. Consideram-se, esse espaço como um campo santo para a comunidade e alimenta a fé e esperança em melhores condições de vida, principalmente no que diz respeito ao acesso à água para beber e produzir. Segundo, populares se acreditam que neste local estão às almas milagrosas que morreram de fome e de sede.

No ano de 1982, o padre Italiano Albino Donatti, recém-chegado a Senador Pompeu, chamou os paroquianos para fazerem uma caminhada saindo cedo da manhã da Igreja Matriz até o cemitério da barragem para homenagear os que morreram no Campo de Concentração e refletir sobre essa história. Assim, a caminhada virou tradição, pois, todo segundo domingo de novembro milhares de pessoas caminha em procissão até o cemitério onde é celebrada uma missa em homenagem aos que sofreram no Campo de Concentração de 1932.

Observamos que a caminhada da Seca é também um importante patrimônio cultural desse município e carrega uma forte simbologia chamando a atenção dos governantes, assim como da própria população, para refletir e buscar alternativas

para se viver bem nos semiáridos. Também é relevante no sentido de manter viva a memória histórica, para não esquecermos o sofrimento de tantas pessoas e para que possamos garantir que nunca mais um fato semelhante venha a acontecer.

Anualmente, o cemitério é o ponto central de destino da Caminhada da Seca, a última foi realizada no dia 08/11/2015, contam com o 33ª em memória as centenas de vítimas que morreram. Nesse decorrente ano faz-se uma reflexão sobre a crise hídrica que afeta a região e apresenta o seguinte tema dessa procissão: “Caminhada ao Campo Santo do Sertão, por água pra beber, por água pra viver”. Observe a figura a seguir, representada em forma de cartaz anunciando esse evento popular.

**Figura 4 - A 33ª Caminhada da Seca para a barragem Patu**



Fonte: <http://cddhac.blogspot.com.br/2015/10/33-caminhada-da-seca-em-memoria-das.html>.

A 33ª Caminhada da Seca aconteceu no auge do mais um período de estiagem dos últimos anos e apresenta reflexões pertinentes à convivência com os semiáridos. Esta temática chama atenção para a questão da segurança hídrica na região e com o baixo nível da barragem Patu, vem preocupando a população de Senador Pompeu.

Segundo, a Fundação de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) junto a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), que monitora o

volume dos reservatórios do Estado à situação do açude Patu é de alerta, pois além de atender esse município, fornece água para o vizinho, Milhã, como também as comunidades situadas às margens da barragem resultando sua capacidade com 9,76% do volume total, notícia postada através do Portal Hídrico do Ceará em (30/09/2015).

Diante desse contexto, na condição de pesquisadora rumo à barragem Patu, percebemos as marcas dessa triste história que o povo não esqueceu e ficou marcado em memórias, assim, foi o chamado Campo de Concentração durante a seca de 1932. No item a seguir, faremos a exposição do perfil dos sujeitos, abordados na pesquisa de campo e, assim, reconhecer a veracidade dos fatos mensurados.

## **2.4 Os sujeitos da pesquisa**

Antes de chegar ao campo da pesquisa pedi ajuda, primeiramente a Deus, depois a minha família, ambas, bases que me sustentam nesta longa jornada como pesquisadora, já que grande parte da família continua morando em Belo Monte, município de Senador Pompeu e se prontificaram a ajudar em que for preciso. Assim, se dispuseram a investigar se havia alguém que pudesse colaborar com esta pesquisa. Na busca incessante encontramos pessoas que foram de extrema importância como: D. Iracir, Sr. Zé Dama, Dr. Valdecy Alves, Sr. Agostinho e a Senhorita Jane, dentre outros.

Diante desse contexto, a chegada em campo teve seus obstáculos, foi necessário requerer a organização, disposição para investigar, tempo para pesquisar até reunir fontes documentais que ajudaram muito nesse processo. Alguns parentes desta pesquisadora, ainda continuam morando próximo ao local onde foi instalado o Campo de Concentração, por isso facilitou bastante à entrada em campo.

Assim, no dia 14 de março de 2015, já na condição de pesquisadora estive no município de Senador Pompeu-CE. Ao conversar, com algumas pessoas sobre a seca de 1932, vimos que as pessoas mais jovens não sabia relatar sobre essa temática, os mais velhos sim, foram sujeitos essenciais nesta pesquisa, pois expressavam com detalhes os relatos e memórias dos seus antepassados.

Ao chegar a Senador Pompeu-CE, contratei um moto taxi para facilitar o deslocamento até os sujeitos da pesquisa. Sr. Ivan, assim era chamado o taxista, pois o aluguei uma manhã inteira para andar comigo. Logo, em nosso percurso já havia as pessoas certas para o qual pudéssemos dirigir e começar as primeiras entrevistas sobre a seca de 1932.

Primeiro, fomos procurar a Sra. Ednalva, conforme uma vizinha ela não se encontrava em casa, quando explicamos o motivo de nossa visita e o tema da pesquisa, indicou-nos a procurar a Sra. Eulina Alencar Pereira, cunhada de D. Luiza Pereira que era uma sobrevivente da seca de 1932, sendo que está havia falecido no ano passado.

Ao falar com a Sra. Eulina sobre a importância da nossa pesquisa, indicou o livro de Giovanazzi (1999), intitulado como *Paróquia de Nossa Senhora das Dores*, livro que aborda sobre a construção da barragem Patu. A mesma contou o que ouviu de outras pessoas: “muita gente morreu de fome, sede, e com a má alimentação, falta de higiene o povo adoecia e logo morria”, mas com sua idade avançada havia esquecido muitas coisas. Então, disse para procurar D. Fernanda que poderia ajudar com mais informações.

Numa plena manhã de sábado, ao chegar à casa de D. Fernanda, sua simplicidade nos encanta, apresentamo-nos a ela, explicando o motivo de nossa visita, em resposta disse: “estou muito feliz em poder ajudá-la”. Toda essa recepção favoreceu o fortalecimento do vínculo com o sujeito da pesquisa e um diálogo aberto, cheio de emoções, lembrando as memórias dos seus antepassados. A mesma nunca esqueceu, quando sua mãe falava: “que tinha uma vizinha dela que fazia caldo de pedra para alimentar a família, porque não tinha outra coisa para dá os filhos que choravam pedindo comida”.

Subsequente, no dia 21/03/2015, fomos fazer uma visita a D. Carmélia, que foi de extrema relevância a sua contribuição nesta pesquisa. Logo, a primeira visita não quis receber-nos, pois dizia que já havia dado entrevista e tinha falado tudo o que sabia, mas com um pouco de conversa, articulado com jogo de cintura, aos poucos foi falando das suas memórias e todo o sofrimento que passou na seca de 1932. Em seu semblante percebemos a tristeza em suas palavras dizendo que esta: “foi a pior seca que já tinha passado”. A lembrança desta interlocutora é algo que remete o sofrimento, a dor de quem viu de perto a lamentação de tantos flagelados, mas, este assunto será tratado no último capítulo desse trabalho.

Dando procedência a esta pesquisa, nesse mesmo dia fomos até a barragem Patu, agora com Jane, uma grande amiga que se dispôs a ajudar no que fosse preciso. Quando chegamos ao local podemos constatar por meio das ruínas ou as casas que serviam para acomodação dos ingleses depois se tornaram o Campo de Concentração, em que se percebe as marcas desse passado triste em cada parede que ainda se encontrava em pé, representando o patrimônio material que ficou guardado na memória de muitos conterrâneos pompeuenses.

Como pode ver na figura a seguir o município de Senador Pompeu-CE ainda enfrenta problemas de escassez, pois o açude Patu está com capacidade de água muito abaixo do normal.

**Figura 5 - Açude Patu**



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2015.

Esse açude Patu foi de fato construído sua obra na década de 1980, tem como objetivo garantir o abastecimento hídrico para o município de Senador Pompeu e diminuir o problema de escassez enfrentado nessa região. Conforme técnico da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), esse açude está sobre os riscos de colapso dos recursos hídricos, e ainda explica que estão sendo adotados todos os cuidados necessários, inclusive a vazão liberada está sendo constantemente controlada, ou seja, água que é retirada para atender outros municípios está sendo controlado para não desperdiçar ou usar para outros fins que não seja abastecimento humano.

Antes, esse açude abastecia apenas o município de Senador Pompeu, mas, devido à escassez atualmente passou a fornecer água por meio de carros pipas para Quixeramobim, Milhã e outros municípios, situação essa passou a ser agravada pela imensa quantidade de água que é retirada todos os dias. Assim, não só em Senador Pompeu como também outros municípios dependem dessa água para sobreviver, por isso, através de campanhas de economia da água o poder público desse município luta para diminuir o percentual de liberação de água para tentar salvar o açude de um colapso total.

Nessa trajetória da pesquisa, no auge de reflexões sobre os recursos hídricos, indicam que ocorreram significativas mudanças nas formas de intervenção no semiárido, mas, acabam não dando conta do fenômeno da seca, pois estamos vivendo o 4º ano consecutivo de seca no Ceará. De acordo, notícia da Tribuna do Ceará (29/10/2015) dos 153 açudes monitorados pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), 124 está com volume inferior a 30% da capacidade. Desses, 36 estão abaixo de 1%, e 12 com a capacidade zerada. Conforme, dados do Portal Hídrico do Ceará (17/12/2015) o percentual do açude Patu está com 7,66% de volume total da sua capacidade, pois essa situação é alarmante, mas, são discursões que serão abordadas no próximo capítulo.

Na entrevista com os depoentes, alguns relatavam que já estava economizando água porque este ano as chuvas foram poucas. Assim, as narrativas orais dos depoentes foram a principal fonte da pesquisa, às quais permitiram que na situação da entrevista, pudesse haver a aquisição da coleta de dados das memórias subjetivas na tentativa de melhor apreensão das informações. Lembrando que as entrevistas foram feitas durante o mês de março deste decorrente ano, pois esta pesquisadora aproveitou que estava de férias do seu trabalho.

E para facilitar a nossa aproximação com os sujeitos da pesquisa, usamos os seguintes critérios na escolha dos depoentes pré-definindo um perfil característico dos mesmos: ser filho dos sobreviventes da seca de 1932; residente em Senador Pompeu; morem próximo ao local em que foi instalado o Campo de Concentração; pessoa que aceite participar da pesquisar; alguém que não sinta receio de expressar as memórias dos seus antepassados; ter disponibilidade para as entrevistas e concordar com a publicitação de todas as informações, alterando apenas o nome do depoente e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C).

Assim, o universo foi de dez pessoas escolhidas, oito atenderam a todo o perfil estabelecido, sendo que uma destas pessoas era sobrevivente da seca de 1932, mas, não se encontrava com lucidez para explicar suas memórias e fechamos com o total de sete pessoas entrevistadas.

Dessa forma, ao se tratar da história oral, o número de depoentes foi reduzido, uma vez que esta metodologia pressupõe que o indivíduo fale abertamente sobre sua vida, demandando muito tempo e grande acúmulo e aprofundamento de informações. A seguir, segue resumidamente o perfil dos depoentes com seus respectivos nomes fictícios. Ainda, vale ressaltar que este ficou a escolha dos mesmos ao serem utilizados no decorrer desta pesquisa.

A primeira foi Fernanda Maria Simão Martins, 64 anos, viúva, possui Ensino Fundamental incompleto, católico, mora com um irmão, recebe a pensão do seu esposo, agricultora antes de aposentar-se, atualmente não possui nenhum tipo de atividade financeira. Seu pseudônimo será **Fernanda**.

A segunda foi Maria Margarida Marques, 67 anos, casada, possui Ensino Fundamental completo, católica, mora com o esposo, aposentada, agricultora antes de aposentar-se, nasceu e criou na roça, atualmente sua ocupação são as atividades domésticas. Será chamada de **Pirrita**, em alusão a seus pais que o colocaram.

A terceira foi Carmela Gomes Pinheiro, 94 anos, separada, analfabeta, católica, mora com uma filha, aposentada, doméstica, antes de aposentar-se trabalhava como lavadeira de roupas. Esta depoente atenderá pelo nome **Carmélia**, sendo filha de agricultores.

A quarta foi Ana Cadeira Lima, 96 anos, casada, possui Ensino Fundamental incompleto, católica, mora com esposo, uma filha casada e uma neta, aposentada, antes de aposentar-se agricultora, atualmente não exerce atividade laboral. Esta depoente será nomeada de **Ana**, nome de batismo que os pais puseram.

O quinto foi Antônio Braz, 102 anos, casado, possui Ensino Fundamental incompleto, católico, mora com a esposa, aposentado, antes de aposentar-se era agricultor, atualmente não exerce atividade laboral. Este depoente será chamado de **Braz**, em homenagem aos pais que colocaram.

O sexto foi Pedro Cosmo Lima, 102 anos, casado, possui Ensino Fundamental incompleto, católico, mora com esposa, aposentado, antes de

aposentar-se agricultor, atualmente não exerce atividade laboral. Este depoente será nomeado de **Pedro**, nome de batismo que os pais colocaram.

O sétimo e último foi Antônio José Silva, 104 anos, viúvo, nunca foi à escola, católico, mora com uma filha e duas netas, aposentado, antes de aposentar-se agricultor, atualmente não exerce atividade laboral. E será nomeada de **Antônio**, em memória aos pais.

Analisando de forma geral o perfil dos sujeitos, podemos observar que todos eles correspondem uma faixa etária de idade superior a 60 anos, mas todos com lucidez e cientes desta pesquisa responderam emocionados aos quesitos estabelecidos por esta pesquisadora. Quanto ao nível de escolaridade, apenas uma depoente concluiu Ensino Médio, quatro começaram a estudar, mas não concluíram o Ensino Médio, uma era analfabeta e o último depoente relatam nunca ter ido à escola. Sabemos que há 80 anos, estudar nessa época era um privilégio, tudo era mais difícil, pois todos trabalhavam muito para sobreviver e sustentar o restante da família.

Após analisarmos o perfil dos sujeitos nesta pesquisa, segue o próximo capítulo, em que apresentamos uma abordagem geral sobre o conceito de seca, bem como as principais estratégias de “combate” e convivência com a seca no semiárido.

### **3 AS DIFICULDADES DO SERTANEJO PARA CONVIVER COM A SECA**

#### **3.1 Conceituando a seca**

A discussão sobre a seca no Nordeste brasileiro tem sido objeto de muitos estudos e debates, ao mesmo tempo suscita muitas divergências no entendimento entre autores que abordam essa temática. Antes o Nordeste não existia. Conforme, Albuquerque (2011) numa visão crítica, os nordestinos não eram percebidos pelas elites locais, nem tão pouco solicitava em nome do povo, verbas ao Governo Federal para resolver o problema da falta de chuva, da gente e do gado que morreu de fome e de sede, como registra Graciliano Ramos em “Vidas Secas”, livro que se tornou filme famoso. Além disso, o problema mal era anunciado, ou seja, era apenas vivido.

Para compreender essa difícil questão, vamos primeiro entender a origem do Nordeste. O Brasil costumava ser dividido, em duas áreas: o Norte e o Sul. Então, essa nomenclatura de Nordeste passou a ser usada para nomear uma parte do antigo Norte, aquela área de ocorrência das secas, com clima tropical semiárido, pouca quantidade de chuvas, ou mesmo sua ausência em intervalos menos ou mais longos, é uma realidade cotidiana no sertão nordestino (ALBUQUERQUE, 2011).

Assim, o antigo Norte originou-se o Nordeste a partir da reelaboração das imagens, feito por um novo discurso regionalista, de acordo Albuquerque (2011, p. 52) “o resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade de se pensar essa questão como a identidade nacional”, seja pela a raça, caráter, cultura, capaz de incorporar os diferentes espaços do país.

Esses novos discursos regionalistas foram acompanhados de novas práticas regionalistas, seja elas no Norte ou Sul que só podem ser entendidas se levamos em conta que na década de vinte, quando é noticiado pelo jornal paulista (1920) que no dizer de Albuquerque (2011), incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene ou mesmo pobreza.

Assim, complementa Albuquerque (2011) que esta diferença é acentuada na vida material e social das duas áreas, quase sempre é atribuída à presença do trabalho dos imigrantes no Sul e à falta deles no Norte. A regionalização do mercado de trabalho com a abolição e a concentração do processo migratório no Sul, notadamente em São Paulo, induz a emergência de práticas regionalistas. A partir desse momento, vários discursos, tanto do Norte quanto do Sul, partem para análise do próprio espaço de onde são emitidos. Buscando a compreensão do todo, já que se vê o processo migratório no país como um organismo composto por diversas partes do semiárido.

Por outro lado, numa visão mais ampla do semiárido entre o clima tropical e a estrutura geológica, possui traços bastante singulares na ampla gama de aspectos da natureza brasileira. No entanto, justamente por ser a natureza um componente do cotidiano social, é importante compreender em que momento e sob que condições ela se torna um espaço discursivo, ou seja, é reconhecida como participante de um discurso que altera seu status, transformando-a em causalidade e sujeito num dado território. No caso particular, a região Nordeste, especificamente no território semiárido houve esta transferência de sentido, substituindo-se o léxico (*seca*) pela semântica (*significado*), criando-se um conjunto de expressões metafóricas que substituíram o enunciado da seca como fenômeno climático pela enunciação da seca como tragédia (CASTRO, 1992).

Desse modo, a discussão sobre a seca é tomada por aquilo que ela é: um fenômeno da natureza. Essa parte estabelece um contraponto essencial na tentativa de compreender o sentido mais profundo desse fenômeno na região do Nordeste brasileiro. Estudos indicam que o fenômeno das secas remontam milhares de anos, antes mesmo da ocupação humana em solo nordestino. Segundo relato de do historiador Pompeu Sobrinho (1982), estes indícios indicam que o homem nativo se utilizava de pedras para tentar, quase em vão, repassar a água dos rios.

Segundo Campos, “o primeiro registro da seca na história do Brasil é devido ao padre jesuíta Fernão Cardim, que chegou ao Brasil em 1583, na companhia do jesuíta visitante padre Cristóvão Gouvêa” (CAMPOS, 2014, p. 67 apud CARDIM, 1925). De acordo os estudos de Campos (2014) em 1583 a 1590, o padre Cardim viajou na costa brasileira de Pernambuco ao Rio de Janeiro e fez um relato epistolar que se constitui no primeiro documento a registrar uma seca no Nordeste.

Para Andrade, o Nordeste possui o clima quente, com uma estação seca e outra chuvosa, com solo argiloso de massapê que favorecia a cultura de cana-de-açúcar. Por essa razão, “o donatário da capitania, Duarte Coelho, tratou de se apossar das terras úmidas e férteis” (ANDRADE, 1998, p. 60).

Conforme exposto acima, havia local em que as condições climáticas não permitiram a cultura da cana-de-açúcar. Assim, fato que contribui para que a pecuária sirva para suprir os alimentos e força de trabalho dos Índios. As secas relatadas do século XVI até a metade do século XVII referem-se, principalmente, aos impactos nessas áreas litorâneas e suas respectivas. Nessas áreas, a frequência das secas é bem inferior do às frequências acometidas nos sertões nordestinos.

No século VXIII, tem-se notícia da primeira grande crise climática que atinge toda a região do Nordeste brasileiro. “O decênio de 1721 a 1730 foi de grande irregularidade climática, secas de maior ou de menor intensidade, mas igualmente danosas às incipientes economias locais” (POMPEU, 1953, p. 16).

Na primeira metade desse século XVIII, há um documento oficial que relata um período das secas de 1723 a 1729. Segundo Alves (2003), o texto do documento transcrito por Irineu Ferreira Pinto registra a seca e pede ajuda ao Rei, dizendo o seguinte.

Os oficiais da Câmara representam o El-Rei declarando que desde o ano de 1723 até o presente (1729) tem sofrido esta Capitania grande esterilidade de seca e ao mesmo tempo pedem a El-Rei que os mande acudir com escravos, pois os daqui têm morrido de fome e que os engenhos estavam em ruínas não só pelo estado da terra como por falta de braços para o trabalho, ALVES (2003, p.28).

A seca descrita atingiu a região do Nordeste, em que a mão de obra era formada por escravos. Nessa citação, fica claro que não havia a menor preocupação com a vida do trabalhador escravo, eram tratados como mercadoria e, na lógica da economia do dono de engenho, o custo com a alimentação do escravo durante a seca era maior do que o custo de conseguir outros escravos, principalmente se, para isso, os proprietários contassem com a ajuda de El-Rei.

Na Carta Régia de 25 de maio de 1725, em resposta ao capitão-mor, o rei de Portugal, D. João, escreveu: "Vos recomendo procurais quando vos for possível inclinar os moradores a cultura da terra e que se apliquem a usar algum ofício para que se evite a ociosidade de que procede a sua ruína" (ALVES, 2003, p. 36). Como

se percebe desde essa época, a resposta do rei D. João deixava claro que o governo não atuava no sentido de socorrer as vítimas das secas e sim, visava à lucratividade financeira com interesses particulares e políticos.

Nesse período Colonial, os governantes, rei de Portugal, não tinham objetivo de buscar soluções para os problemas das populações do Nordeste, ou seja, não havia formulação de políticas públicas. Mas, em síntese a esse período de enfrentamento às secas, a região Nordeste mostrou-se que era extremamente vulnerável e que essas atingiam fortemente mesmo populações de baixa exigência e baixa demografia. Assim, o agravamento dos impactos das secas se dá à medida que aumenta a população da região.

De acordo Alves (2003), algumas secas mais intensas resultaram em mortandade e dizimação de rebanhos. Assim, vale ressaltar que uma das secas de maiores impactos do período colonial iniciou-se em 1777 e persistiu até 1778, ficando conhecida como a seca dos três setes.

Nesse discurso sobre o impacto da seca, conforme estudos de Albuquerque (2011) intensificaram ainda mais a institucionalização das secas no final do século XIX junto o auxílio aos flagelados. Enquanto, na seca de 1877-1879 as primeiras obras contra as secas, torna-se um poderoso instrumento regionalista para unificação do discurso de grupos políticos dominantes do Norte, na conquista de espaços no Estado republicano, comandado pelas oligarquias do Sudeste.

Diante esse discurso regionalista, no início do século XX, o tema da seca também apareceu como um fenômeno relacionado aos desastres sociais e morais, ou mesmo uma fatalidade que desorganizava o modo de vida das famílias e da sociedade nordestina, ou seja, a sociedade civil era responsabilizada pelos conflitos sociais na região.

Dessa forma, complementa Castro (1967) temos o estabelecimento do Nordeste uma imagem onde a região e seu povo está confinado a pobreza e ao sofrimento. Sendo assim, a seca deixa de ser um fenômeno natural representado pela ausência temporária de chuvas, e torna-se um símbolo identificador dessa região junto os problemas socioeconômicos que são peculiares às condições de sua natureza hostil, como: miséria, doença, fome, analfabetismo, etc.

Nesse contexto, a seca deixava de ser percebida como um fenômeno climático, para tornar-se sujeito das mazelas sociais do território nordestino. Então, essa região em seu processo histórico de ocupação do território regional, ao se

conservar a estrutura de apropriação da terra e as formas de organização social, foi conservada também as condições de vulnerabilidade dos trabalhadores rurais referentes às secas (CASTRO, 1967).

Dessa forma, complementando Albuquerque (2011), a imagem da seca no Nordeste e do seu clima semiárido está representada em um poder simbólico, desencadeadores dos problemas sociais que constitui um poderoso aliado na preservação da fórmula conservadora, apoiada na estratégia de dirigir as soluções dos mesmos para medidas que mais reforcem do que reduzam os desequilíbrios estruturais na região.

Assim, a imagem da seca projetada pelo autor, preso nas tramas da rede simbólica, construíram um imaginário regional fundado na natureza, definindo as bases da identidade do seu povo e a seca no Nordeste passa a ser definida como uma região cultural, relacionada ao sertão e a caatinga. Mas, vale ressaltar o destaca desse cenário no semiárido representado pela obra “Os Sertões” descritos por Euclides da Cunha (1982) que descreve as características peculiares do espaço sertanejo como: a caatinga, as secas e seus contrastes.

Neste sentido, por meio do imaginário regional a seca torna-se um símbolo central do Nordeste, passando a ser vista como território castigado pela estiagem, em que os sertanejos são tidos como sofredores incapazes de mudar a dura realidade que faz parte de seu cotidiano. Contudo, o fenômeno da seca constitui um fenômeno natural, principalmente devido a sua localização, próximo à linha do Equador. Nessa área, os raios solares incidem diretamente no continente, ou seja, com maior intensidade.

Existem ainda outras causas das secas, muitas vezes influenciados por outros fatores, dentre os quais se destaca a diferença de temperaturas existentes nas águas do Oceano Atlântico (Norte e Sul). Algumas áreas são mais quentes, gerando o aparecimento do fenômeno conhecido como “El Nino”, assunto de grande repercussão abordado no Jornal Globo que, conseqüentemente, provoca também o aumento da temperatura do Oceano Pacífico, gerando eventuais tornados e furacões de efeitos catastróficos.

Dessa forma, muitos estudiosos veem tentando explicar o fenômeno da seca no Nordeste, em sua vasta diversidade, pois os efeitos da seca vão gerar certas particularidades, seja ela de natureza física, econômicas e sociais, em que mais da metade do seu território, está sujeita as secas periódicas ou estiagens mais

prolongadas. A seguir, traremos uma exposição sobre as principais secas ocorridas no Ceará.

### **3.2 Uma abordagem sobre a história da seca no Ceará**

O Ceará possui uma diversidade de domínios naturais e paisagem com condições geológicas variadas. Ao comparar o Ceará com a região Nordeste, esta foi à primeira área de ocupação pelos colonizadores, e do ponto de vista econômico era a mais populosa região do país no período colonial, porém, vale ressaltar que o Estado do Ceará foi tardiamente ocupado pelos portugueses e demais estrangeiros, pois não era visto como um território propício ao povoamento.

Dessa forma, o Ceará foi tardiamente ocupado por causa dos problemas de estiagem, lembrando que este Estado não é o mais seca do mundo. Apesar, de ter maior parte do seu território inserida no semiárido nordestino, pois a história da seca no Ceará constitui-se em um problema efetivo para sua ocupação e desenvolvimento econômico da região. Destarte, a seca foi decisiva para pensar a sua existência como algo natural ou mesmo climática, pois as irregularidades de chuvas como característica marcante do seu clima, limitam as possibilidades de aproveitamento do solo, (SOUZA, 2007).

Nesse sentido, as irregularidades de chuvas sucedem desde o período colonial. Mas, o problema não é a seca em si, o problema é quando essa água cai e se distribui de forma extremamente irregular no espaço e no tempo, pois essa irregularidade de chuvas não é exclusivamente do Nordeste, ou seja, esse assunto é de interesse de todo o mundo, sendo que este fenômeno parte dos processos sociais, econômicos e políticos.

No século XVII, ocorreram grandes estiagens, como as de 1603, 1614, 1645, 1652, e 1692 que afetaram, principalmente, a região da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Devido à falta de meios de sobrevivência no período destas secas, os conflitos colonizadores e os indígenas eram comuns, (ALVES, 1982). Veja na figura a seguir a fisionomia das pessoas nesse período colonial.

**Figura 6 - Período colonial**



Fonte: <http://caboverdeislandtours.blogs.sapo.cv/periodo-colonial>.

Nesta imagem percebemos as condições precárias de moradia, vestir, alimentação, que em muitos casos de miséria, faltava para alimentar toda a família, basta observar seus semblantes trazendo as marcas de sofrimento causado em períodos de estiagem.

Desde a colonização no Ceará, têm-se notícias do problema da falta de chuvas, por exemplo, nas tentativas de permanência efetuadas por Pero Coelho, em 1603, e ainda por ocasião da estada em solo cearense dos padres jesuítas como Francisco Pinto e Luis Figueiredo, no ano de 1607 (POMPEU, 1953).

Diante do contexto sobre a colonização uma das primeiras secas a ser reconhecida na história do Ceará, conforme Alves (1982) foi relatada pelo o engenheiro Miguel Arrojado Lisboa, informando que esta estiagem assolou, principalmente, Pernambuco, em 1692.

Assim, os colonos e os sertanejos tiveram crise na economia, sendo que a sobrevivência nessa época era baseada na criação de gado, que povoava as fazendas, e o cultivo de mandioca para a fabricação de farinha. Após, vários embates com os índios e a luta contra a ocupação estrangeira, os colonos estavam começando a povoar o sertão cearense, quando a seca de 1692 assolou a região, reduzindo, drasticamente, as produções agrícolas e pecuárias, e obrigando índios e colonos a buscarem novas terras para sobreviverem (POMPEU, 1953).

Nesse processo de povoamento no sertão do Ceará, muitas pessoas migraram para outras regiões, assim, sua população branca diminuiu, predominando no sertão cearense o mestiço do índio com o branco, dando origem o caboclo ou o sertanejo típico. A ocupação dos sertões foi mais intensa nas regiões interioranas nas quais povoaram a população branca de origem europeia, com o povoamento no sertão, agravou ainda mais “as dificuldades de sustentação permanente de uma população sertaneja que aumenta constantemente e não encontram alternativas para sobreviver fora de uma economia vulnerável e pobre” (SOUZA, 2007, p.76).

Enquanto, nos estudos de Brasil (1890) a dificuldade do sertanejo intensificou, junto ao fenômeno da seca, século XVIII, dando ênfase aos anos de 1710 a 1711. Embora quase nada possa ser encontrado nos arquivos do Ceará deste período, mais há referência de que a seca destes anos estendeu-se do Ceará até o Maranhão.

Com as sucessivas secas, o território cearense não teve sequer tempo para se recuperar das secas parciais dos períodos anteriores e já teria que enfrentar uma nova estiagem, ocorrida em 1772. Esta provocou a dizimação de rebanhos e vitimou a população sertaneja com a fome e a sede. Pensava-se que era mais um ano de calamidade provocado pelos efeitos de estiagens. De acordo Alves (1982), a crise da seca no Ceará imperial abrange três ciclos e, de acordo estudiosos dessa, como Fernando Gama, Thomaz Pompeu, Rodolfo Teófilo, dentre outros, estabelecendo o seguinte ciclo de secas na região cearense nesse período: 1844/45, 1877/79, 1888.

Entre os anos de 1844 a 1845, ocorreu a primeira grande crise climática do Ceará Imperial, embora a Comissão Científica somente tivesse sido criada pelo Imperador dez anos após esta catástrofe. Legitimando-se, assim, desde este período, a ausência das necessárias políticas para o enfrentamento das consequências deste fenômeno climático (ALVES, 1982).

Como percebemos a seca marcou profundamente a região cearense por meio de uma relação direta entre a crise climática e sua situação econômica e social. Consequentemente, para Albuquerque (2011) houve por parte do Governo Imperial alguma atenção ao fenômeno intensamente divulgado pela imprensa local que, explorando as imagens de desespero, de miséria e de dor que ocorriam durante estas estiagens, contribuíram para mostrar à opinião pública e aos órgãos oficiais a necessidade urgente de solucionar esta problemática. Com isso, houve

uma maior divulgação de argumentos sobre a seca na forma do discurso, efetuado por vários membros da sociedade cearense.

Entre os anos de 1877 a 1879, mas uma vez a seca marcou profundamente a vida de muitos sertanejos, não só pela má distribuição das chuvas, mas, também pela situação econômica e social. Nesse momento de crise, o trágico se tornou quase cotidiano, e pacífica foi à aceitação, por parte da população, do fato de milhares de pessoas morrerem de fome e de sede, além do surgimento de inúmeras doenças (POMPEU, 1953). Veja notícia que o Jornal O cearense denunciou em 1<sup>o</sup> de abril de 1877:

A indiferença com que a pública administração provincial tem acolhido as tristonhas verdades de que nossos comprovincianos e irmão estão a essa hora bloqueados pela fome e seca nos sertões, é, não só uma falta gravíssima, como um crime de lesa-humanidade. (...) Uma administração que deixa seus administradores morrerem de inanição, enquanto lhe sobra meios de socorrê-los e ampará-los é merecedora das mais veementes e severas recusações (JORNAL O CEARENSE, 1877).

Nessa época, era comum notícia no jornal relatando sobre fome, seca nos sertões em que milhares de retirantes eram encontrados junto da família em busca de locais menos castigados pela seca, principalmente, vindo do interior em direção a capital. Assim, complementa Souza: “o caminho da capital cedo transformar-se-á na única opção para a sobrevivência, os moradores das fazendas de criar transformar-se em retirantes”, (2007, p.81).

Ao analisar, essa situação dos retirantes, percebemos que a seca nos sertões semiáridos perpassa muito além da questão da fome e miséria locais, mais também consolidou o domínio de interesses políticos, econômicos, e tudo isso gera uma condição de desigualdade social entre os atores nela envolvidos.

Em 1900, chega outra seca, trazendo graves consequências aos semiáridos, com isso muitos retirantes recorrem ao Governo Federal em busca de soluções que já permitiam a aplicação de medidas contra as secas. Apesar disso, nada foi feito, apenas foram organizados verdadeiros Campos de Concentração, que possuíam com o intuito de controlar e evitar o fluxo dos retirantes em direção a capital, excluindo-os do solo urbano (SOUZA, 2007).

É impossível para nós, nordestino, referirmos à seca sem lembrarmos um dos ícones do Nordeste, o escritor Ariano Suassuna (1998). Na sua defesa por ações de superação dos problemas da seca e da fome, ele nos alerta para o seguinte fato: “alguns avistam a seca, mas poucos a enxergam”. E na veracidade

das palavras de Suassuna, nossa expectativa é que estudos sobre os aspectos sociais deste fenômeno tragam a ampliação no olhar do mundo sobre as zonas sujeitas à desertificação e, sobretudo, sobre os coletivos humanos que a habitam, sofrem na pele suas consequências e vivenciam a sede não somente de água, mas também a sede de acesso às necessidades humanas básicas.

No ano de 1915, o sertão cearense foi marcado por mais uma seca, essa teve grande proporção que atualmente é memorizada no livro “O Quinze” de Raquel, nesse momento a economia vinha em crescimento. E para evitar a urbanização e a criminalidade em Fortaleza criou o Campo de Concentração no Alagadiço (POMPEU, 1953).

Subsequente, especificamente o ano 1919 foi mais um momento penoso de seca e até trouxe surpresa para estudiosos da previsão do clima. Para historiadores como Pompeu (1953), considera-se esta crise a continuação da seca de 1915, porém, com períodos intermediários chuvosos entre os anos. A luta pela sobrevivência foi levada ao extremo e a caridade dos particulares foi incapaz de conter a onda migratória e muito menos amenizar a situação dos que chegavam a Fortaleza, muitos dos retirantes que vagavam sem destino certo pelas ruas da capital, mendigando ou mesmo furtando alimentos, também ficavam a mercê da criminalidade e prostituição, pois os serviços oferecidos pela comissão não dava para todos, só tinha direito a comida quem contribuísse com algum trabalho.

Em 1930 começou com chuvas escassas, entretanto, essa época foi marcada por muitos saques, prisões e desespero entre os retirantes da seca. Foi tempo de muitos registros em manchetes de jornais, como, por exemplo: “mais dois trens entulhados de famintos se dirigiam a esta capital” (JORNAL O POVO, 1931).

Fatos alarmantes também comentados em outras fontes jornalísticas como: “tragédia da fome”; “os flagelos estão assaltando os trens”; “os famintos já desesperados estão lançando mão de todo tipo de ato como meio de solução para a fome que os devora” (JORNAL O NORDESTE, 1931).

No mês de janeiro de 1931 houve pouca chuva e nesse mesmo ritmo seguiram-se os meses seguintes. Conforme Pompeu (1953), nunca um inverno foi tão desejado como o ano 1932, pois todos sabiam que se não chovesse era sinal de mais uma seca devastadora. Apesar, de muitos sertanejos acreditarem que até 19 de março, São José, o Santo padroeiro das chuvas no Ceará, mandaria chuva para o sertão. Essa crença fez com que muitos cearenses aguardassem o inverno neste

ano. Outros foram para Fortaleza, como podemos observar na figura a seguir, muita gente não resistiam à viagem e acabavam morrendo no meio do caminho.

**Figura 7 - Mortos da seca de 1932**



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=seca+e+periodo+colonial>.

Como podemos vê na figura acima, o triste fim de quem saia de sua casa em busca de uma vida digna, alimento ou mesmo trabalho, mas no meio do caminho acabavam não resistindo à fome e a miséria que assolava toda a população. Por outro lado, é lamentável que alguns políticos se aproveitem da chamada “indústria da seca<sup>10</sup>” para benefício próprio, termo que era utilizado para designar a estratégia de poder. Nessa época, eram comuns as manchetes: “A cidade começou a se encher de flagelados, que em face da fome que os devora, constituem uma série a tranquilidade pública” (JORNAL O POVO, 1932). Os retirantes eram considerados elementos perigosos, sendo até fichados na delegacia.

Numa tentativa de solucionar o problema, o governo recorreu mais uma vez aos famosos Campos de Concentração de flagelados em pontos estratégicos das

<sup>10</sup> “Indústria da seca” é um termo utilizado para designar a estratégia de alguns políticos que aproveitam a tragédia da seca na região nordeste do Brasil para ganho próprio. O termo começou a ser usado na década de 60 por Antônio Callado que já denunciava no Correio da Manhã os problemas da região do semiárido brasileiro. Tal expressão era utilizada para evidenciar a velha política de negociação de votos, pela implantação de soluções emergenciais e paliativas no enfrentamento do problema das secas, além de ser também caracterizada por beneficiar quem detinha o poder econômico na barganha de votos (POMPEU, 1953, p.60).

vias férreas. Estes campos tentavam impedir que os retirantes, na condição de pedintes, chegassem às ruas dos bairros ricos de Fortaleza.

No ano de 1942, manteve o cenário da seca, a história dos voluntários nordestinos que, fugindo da grande estiagem e sob o incentivo do Governo Getúlio Vargas era convocado à Amazônia para se integrarem à cultura de extração da borracha em verdadeiros exércitos (POMPEU, 1953).

No segundo mandato do Governo Getúlio Vargas, assolou outra seca em 1951 a 1953, e apenas no governo de Juscelino Kubitschek sancionou a Lei Nº 3.692, de 15 de dezembro de 1958, que instituiu a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, definida como uma agência de desenvolvimento regional para planejar e organizar programas socioeconômicos de interesse para a região, mas este assunto será abordado no próximo tópico.

Em 1953, terceiro ano de seca da década de 1950, a situação ainda era grave: miséria, fome, e mortes perduravam durante todo o mandato de Getúlio Vargas. Mas, argumentava o governo que se comparando à seca de 1932, o flagelo atual era menor e isto seria graças às obras realizadas na região pelo presidente, e ao conseqüente incremento de meios de assistência, embora, comprovadamente, incapazes na solução da problemática (POMPEU, 1953).

Conforme estudos de Pompeu (1953), a seca ainda persiste em 1958, esta quase aniquilou a agropecuária da região, obrigando os flagelados a partir em busca de solução urgente para o problema de estiagem, dando origem às frentes de trabalho que atuava como solução paliativa em que lançava o governo mão neste período.

Ao longo dos anos, mas precisamente em 1970, conforme Medeiros (1988) ocorreu três grandes ciclos de seca que marcaram mais um período de escassez em 1970, 1976, e 1979. Estas três ocorrências de seca traduziam uma situação social que, apesar da semelhança com situações passadas, recebeu por parte dos órgãos públicos novos tipos de abordagem à questão da estiagem.

No ano de 1970 muitos questionamentos surgiam por parte do povo cearense acerca da necessidade de soluções para a problemática. Assim, a seca constituiu-se fenômeno com profundas raízes históricas, por vezes mais grave e maior do que a vontade dos próprios bem intencionados governantes.

Entretanto, todas as articulações políticas nos âmbitos federal e local, além de terem se mostrado inoperantes na problemática das secas, findaram por causar a

insatisfação e revolta na população. Na cidade de Quixeramobim, mil camponeses flagelados, procedentes de cidades vizinhas, ensaiaram uma rebelião coletiva, ao invadirem a cidade, em busca de comida e de trabalho (MEDEIROS, 1988). Esses fatos se agravaram em função da emigração em massa de retirantes que fugiam das áreas atingidas pelas secas em direção ao sul do País.

Assim, conforme Pompeu (1953), em 1976 ocorreu mais uma seca, só que esta foi parcial afetando mais o sul da Bahia do que mesmo as outras localidades nordestinas, mais que não deixou de trazer consequências nefastas para o Estado do Ceará. Subsequente, no ano de 1979 foi um período bastante crítico, com chuvas escassas, momento este que a região cearense ficou submetida à outra crise climática. Esta situação de seca ocasionou desgosto popular e veio à tona diante de procedimentos governamentais, surgindo daí conflitos e reações por parte dos insatisfeitos cidadãos cearenses, veja notícia de jornal da época:

Por ocasião da seca de 1979, o agricultor Inocêncio Alves da Silva, pai de 11 filhos e contando 51 anos de idade, passava o dia perambulando pelas ruas de Quixeramobim, a 261 quilômetros de Fortaleza, tentando conseguir alimentos para a sua família. Ao ser abordado por um repórter, foi taxativo: quem deixa a mulher e os filhos passarem fome e não tira dos outros, está condenado às trevas do inferno. Um outro, Francisco dos Anjos Pereira, que participou do saque ao armazém da Cobal na mesma cidade cearense, declarou: não existe castigo maior na vida do que ver nossos filhos passando fome, gemendo de um lado para outro (JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 22 abr. 1979).

Nesse contexto, percebemos que houve um declínio por parte do governo em atender a população da seca, é por isso que agricultor como Sr. Inocêncio e Sr. Francisco saía pela cidade em busca de alimento para não deixar sua família morrer de fome. Mas, com todos os problemas de estiagem, de acordo historiadores como Pompeu (1953), no ano de 1980 houve alteração, assim, decorreram entre os anos de 1983 e 1987.

No ano de 1987 a 1988, ocorreu à chamada seca verde, apesar da sua aparente paisagem verde da região no sertão, houve a queda na produção agrícola e o quadro de desemprego em massa se tornou evidente. Assim, em virtude desta situação, Fortaleza sofreu inúmeras invasões por parte dos retirantes da seca em busca de água e suprimentos (POMPEU, 1953). Mesmo o governo tentando amenizar essa situação com estratégias governamentais, muitos povos migravam para outras regiões.

Quando se pensava que a crise das sucessivas secas havia acabado, mais uma vez começa tudo de novo, esta se iniciou em 1991, no governo de Fernando Collor de Mello a 1993, quando Fernando Henrique Cardoso assumiu a Presidência. Segundo dados da SUDENE da época, essa seca teve suas particularidades, embora houvesse chuva, em pequenas quantidades, acarretou a falência total das lavouras, tendo atingido quase todo o território cearense, pois se estima um total de 1.857.655 trabalhadores rurais foram alistados nas chamadas fretes de emergência.

No ano de 1994, as frentes de emergência ainda continuaram agora os efeitos deste problema é o processo de desertificação instalado em algumas regiões cearenses. O governo federal teve a iniciativa de elaborar medidas políticas que priorizavam a ampliação e do envolvimento social, bem como a integração das questões ambientais com as políticas socioeconômicas, na tentativa de solucionar o aumento das áreas desérticas, nas quais a agricultura torna-se impossível (ALBUQUERQUE, 2011).

Diante desse contexto, foi iniciado o projeto de combate à desertificação chamado de “Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação” (PAN), que teve como objetivo a preservação e o uso racional dos recursos naturais. Neste mesmo ano, no dia 17 de junho ficou consagrado como “Dia Mundial de Combate à Desertificação”. Contudo, de acordo Pompeu (1953) não houve solução para a problemática da seca.

Com todos os problemas de estiagens anteriores, mais uma vez no ano 2000, a denominação da “Seca Verde” aparece, embora tivessem atingido algumas regiões do sertão cearense, não chegava a garantir a recuperação da agricultura. Entrando no ano 2001, num novo ciclo de seca prolongada, esta se estendeu até o ano de 2004. Conforme notícia do Jornal Diário do Nordeste, de 16 de abril de 2000, devido às irregularidades de chuvas, pouco se percebia a seca, nas ocasiões em que se informava a possibilidade de escassez de certos produtos agrícolas.

Diante das irregularidades de chuvas, o governo toma algumas ações como medidas ao período de escassez. No ano 2005, a Assembleia legislativa do Estado Ceará, em sessão especial, debateu o Projeto de Integração da Bacia do Rio São Francisco e a integração das bacias (POMPEU, 1953).

Complementando Pompeu (1953) entre os anos de 2005 e 2006, vivenciou no Ceará um período de baixíssimo índice pluviométrico. Em matéria publicada no Diário do Nordeste de 17 de outubro de 2006, foi divulgado que 66 municípios

cearenses decretaram “situação de emergência” devido à estiagem. Esses municípios constataam a problemática da seca, resultando na operação carro-pipa que foi reativada em ações complementares entre Defesa Civil e Exército. Contudo, apenas seis municípios estão sendo atendidos, pois os governos Estadual e Federal liberaram recursos para o atendimento às vítimas da seca, mas as atuais dificuldades enfrentadas pelos sertanejos são tão grandes, que a assistência oficial mostra-se quase impotente.

É importante mencionar, atualmente pouca coisa mudou no que desrespeito à seca, segundo a Agência Reguladora de Serviços Públicos Delegados do Estado do Ceará (ARCE), já manifesta preocupação com Municípios que despontam para entrar em colapso total no fornecimento de água, por exemplo, o açude Cedro em Quixeramobim que abastecia a cidade secou, e encontra-se dependendo de água trazida pelos carros pipas.

Segundo a ARCE, são 11 reservatórios que apresentam níveis de capacidade de água abaixo de 20% e mais 12 com total de reservas inferior a 30%. Esses percentuais deverão diminuir até começo da próxima estação chuvosa, pela falta de chuvas, aumento da evaporação e, sobretudo, no atendimento da demanda. Enquanto, o açude Pirabibu, em Quixeramobim, está com apenas 13,90% de sua capacidade total. Assim como neste município do Sertão Central, outras cidades do interior cearense já enfrentam dificuldades de abastecimento, veja o quadro a seguir:

**Quadro 3 – Percentual vuliométrico de águas nos açudes**

<b>Açude</b>	<b>Município</b>	<b>Data</b>	<b>Cota (m)</b>	<b>Volume (hm³)</b>	<b>Volume (%)</b>
BANABUIÚ	Banabuiú	23/10/2015	102,36	10,33	0,64
CAPITÃO MOR	Pedra Branca	23/10/2015	89,77	1,38	23,07
CEDRO	Quixadá	23/10/2015	101,29	1,15	0,91
CIPOADA	Morada Nova	23/10/2015	90,71	1,77	2,06
CURRAL VELHO	Morada Nova	23/10/2015	83,63	8,41	69,12
FOGAREIRO	Quixeramobim	23/10/2015	216,10	0,12	0,10
JATOBA	Milhã	19/10/2015	208,00	0,07	6,54
MONS. TABOSA	Mons. Tabosa	22/10/2015	642,90	0,96	7,94
PATU	Senador Pompeu	23/10/2015	114,75	6,39	8,89
PEDRAS BRANCAS	Quixadá	23/10/2015	116,47	70,79	15,52
PIRABIBU	Quixeramobim	23/10/2015	234,00	0,00	0,00

POÇO DO BARRO	Morada Nova	20/10/2015	107,70	1,53	2,94
QUIXERAMOBIM	Quixeramobim	19/10/2015	94,34	0,04	0,53
SÃO JOSÉ I	Boa Viagem	19/10/2015	90,00	0,00	0,00
SÃO JOSÉ II	Piquet Carneiro	22/10/2015	241,69	0,22	0,77
SERAFIM DIAS	Mombaça	21/10/2015	239,52	0,33	0,82
TRAPIÁ II	Pedra Branca	23/10/2015	495,64	0,98	5,37
UMARI	Madalena	23/10/2015	295,55	0,00	0,00
VIEIRÃO	Boa Viagem	23/10/2015	84,93	0,00	0,00

Fonte: <http://www.hidro.ce.gov.br/reservatorios/chuva/diaria>.

Como podemos observar no quadro, os dados são alarmantes com sua estimativa de águas nos açudes muito abaixo do valor normal, em alguns casos já secaram devido à estiagem. Conforme dados extraídos do Jornal Bom Dia Ceará do dia 26/10/2015, relata que os açudes do Estado do Ceará estão com capacidades de armazenamento de 14% no total. Portanto, há vários Municípios que despontam para o colapso no fornecimento de água, por conta das baixas reservas de seus açudes, por exemplo, no município de Quixeramobim, vale ressaltar a indignação por parte da população que padece com a falta de água, pois o principal reservatório de água secou. Enquanto o açude Banabuiú passa por uma das maiores crises hídrico de sua história, com capacidade para acumular 1,6 bilhão de metros cúbicos de água, hoje o manancial tem pouco menos de 1% dessa capacidade.

Conforme, dados da Companhia de Gestão de Recursos Hídricos (COGERH) a situação é agravada pela evaporação, devido à alta temperatura na região. Ainda vale ressaltar, a bacia hidrográfica do Curu que tem uma área de drenagem de 8.534 km<sup>2</sup>, correspondente a 5,76% do território cearense, sendo o seu principal afluente o rio Canindé. Esta bacia do Curu é composta por 15 municípios e apresenta uma capacidade de acumulação de águas superficiais de 1.068.355.000 m<sup>3</sup> num total de 13 açudes públicos gerenciados pela COGERH. Isso corresponde, atualmente, que esta bacia supracitada esta com capacidade 2,81% total.

Nessa perspectiva, observa-se a necessidade de concretizar políticas públicas na região do Curu, por ser a primeira bacia instalada no Ceará e também

no Sertão Central<sup>11</sup>, que são bastante afetadas com o fenômeno das secas prolongadas. A seguir, no próximo tópico trataremos as estratégias dessas políticas no “combate” e convivência com a seca nos semiáridos.

### **3.3 As principais estratégias de políticas públicas de “combate” e convivência com a seca**

Há muitos anos, a convivência com a seca vem sendo observada com interesses políticos e econômicos, pois fizeram dela uma indústria. Desde o período colonial até os dias atuais, relatos, imagens sobre a seca nos semiáridos brasileiros ou em sua grande maioria, enfatizam paisagens naturais desoladoras e o flagelo social da população sertaneja nos períodos de estiagem.

De acordo Silva (2006), as secas no sertão nordestino apareciam como um elemento de desordem no processo de colonização, ou seja, havia um contraste significativo entre uma perspectiva sedentária de ocupação e a fixação de povoamentos para exploração de riquezas.

Dessa maneira, a seca prossegue sobre interesses econômicos, políticos por excelência, muitas vezes ouvimos expressões usadas para críticas justas ou injustas, construtivas ou destrutivas. Críticas a projetos atuais e a projetos passados, que refletem o total desconhecimento do que é a seca nos semiáridos. Para Campos (2001), aconselhar obras ou criticar o esforço alheio, sem conhecer e estudar pessoalmente as condições locais é um mau serviço que se faz aos habitantes dos semiáridos.

Algumas vezes as autoridades procuravam desconhecer o problema e considerar que as causas dos mesmos estavam no próprio homem sertanejo. Um exemplo clássico disso se deu em 1725, quando o Capitão-Mor da Paraíba solicitou ao Rei de Portugal, D. João V, auxílio para a população flagelada. Recebeu, então, de sua Alteza a recomendação que estimulasse o povo a plantar mandioca e se ocupar em algum ofício, pois somente assim a população venceria a preguiça e a fome (MEDEIROS, 1988).

---

<sup>11</sup>Atualmente o Sertão Central está localizado no centro do Estado do Ceará, abrange um número de treze municípios numa área de 16.158 km<sup>2</sup> e é composto por 12 municípios: Milhã, Banabuiú, Choró, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibaretama, Ibicuitinga, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Quixadá, Quixeramobim, Solonópole, e Senador Pompeu. (IBGE – 2010)

Por não vivenciarem o que é realmente uma seca, o Rei de Portugal fazia pré-julgamentos, ou mesmo usava termos pejorativos como se o povo que habitavam o sertão fosse preguiçoso, pois a situação era muito mais grave. Como o povo iria plantar se não havia chuva para segurar a plantação.

Segundo Castro (1967), a seca na região semiárida só passou a ser considerada como problema relevante no século XVIII, depois que se efetivou a penetração da população branca nos sertões, com o aumento da densidade demográfica e com a expansão da pecuária bovina. As secas passaram a entrar de forma permanente nos relatos históricos enfatizando a calamidade da fome e acusando os prejuízos dos colonizadores e das fazendas de gado.

Julgamentos superficiais sobre o fenômeno da seca e interesses políticos locais conduziram à construção de explicações reducionistas dos problemas regionais como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e de sua gente. A seca tornou-se vilã do drama nordestino, a principal imagem de “uma terra estorricada, amaldiçoada, esquecida de Deus” (CASTRO, 1967, p. 168).

Na segunda metade do século XIX, quando as ocorrências das secas prolongadas colocaram em risco o povoamento e as atividades econômicas no sertão nordestino, tiveram início os estudos científicos voltados para a problemática da seca e as causas naturais desse fenômeno. Assim, complementa Silva (2006), voltando aos debates ocorridos na segunda metade do século XIX sobre a necessidade, ou não, de políticas públicas em que a secas vem ocorrendo com maior frequência.

Como hipótese científica desse debate, a análise sociológica sobre esse fenômeno ganhou destaque ao enfatizar a forma predominante de ocupação e exploração do território pelos colonizadores e seus sucessores que levaram à concentração das riquezas e do poder político, gerando miséria e dependência na maioria da população sertaneja.

Numa visão parcial dos semiáridos, como uma região das decorrentes secas, conduziu a adoção de soluções fragmentadas, cujo núcleo gerador é o “combate” a seca e os seus efeitos, mais vale ressaltar, que a seca não se combate se convive com ela. Nesse sentido para Silva (2006), na primeira metade do século XX, surgiram outros olhares críticos sobre as causas estruturais e as consequências da miséria na região semiárida, tanto na literatura regional quanto nos estudos científicos.

Essa visão crítica de Silva (2006) da realidade do semiárido nordestino desmistificou as ações de “combate” à seca que, além de ineficazes, reproduziam as estruturas locais de dominação. Considera-se que, ao longo dos anos, as políticas das secas foram positivas e tiveram apoio de eminentes intelectuais elaboradas nas décadas de 1980 e 1990 como Carvalho (1988); Andrade (1970); Magalhães e Glantz (1992).

Para Carvalho (1988) as proposta de políticas das secas pode ser analisada em quatro fases: 1) a presença governamental até 1950; 2) a mudança de padrão, de 1950 a 1959; 3) a modernização com reformas de 1959 a 1964; e 4) a modernização conservadora, decorrente da implantação do regime militar.

Na fase da presença governamental é avaliada por dois caminhos: 1) as medidas tomadas pelos governos para socorro das populações diretamente afetadas pelas secas (ações de socorro público); e 2) as ações preventivas dos governos para resolverem os problemas das secas que corresponde ao que se denomina de solução hidráulica. Considera-se essa fase de mudança ao referir o período da seca com mediação do Estado, para integrar o Nordeste numa economia Nacional.

Nesse discurso, a de criação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB)<sup>12</sup> vem com condições de operar o crédito agrícola e de limitadas aplicações no crédito industrial, assim, foi considerada como uma marca desse período. A modernização com reformas refere-se ao período no qual “os debates centraram-se na ideia de que a solução dos problemas decorrentes da seca envolvia reformas estruturais profundas” (CARVALHO, 1988, p. 227).

Nessa fase de reformas, iniciou-se no governo militar, relacionando as mudanças de prioridades, assim, as “reformas da estrutura agrária priorizam os projetos de irrigação com mobilização dos recursos do Programa de Integração Nacional” (CARVALHO, 1988, p. 233).

Como podemos observar havia várias discursões sobre os problemas decorrentes da seca, mas que estes debates se resultavam em medidas paliativas

---

<sup>12</sup> Os anos 50 marcam o início da trajetória do Banco. Na época, foi realizado amplo estudo sobre a economia, cuja apreciação constituiu a base científica para o nascimento da instituição. Com apoio de cooperação técnica de missões internacionais, iniciaram-se atividades pioneiras, entre as quais a experiência do crédito rural supervisionado, em articulação com a ANCAR - Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural, a assistência a cooperativas e a introdução da prática de elaboração e avaliação de projetos como pré-requisito para a obtenção de financiamentos. O principal objetivo era implementar uma nova mentalidade empresarial na Região.

que amenizassem os problemas decorrentes de estiagem, já que a seca passou a ser vista como indústria do poder aquisitivo sobre a população.

Na proposta de Andrade (1970) também analisa a política das secas em quatro fases consecutivas estruturando-se como: 1) humanitária; 2) intervenção e sistematização com estudos e obras; 3) diferenciação; e 4) integração do desenvolvimento regional e promoção universitária. A fase humanitária refere-se à comiseração às vítimas das secas. A fase da intervenção, também denominada fase hidráulica, Nessa fase construíram-se açudes e sistematizou-se a rede de dados meteorológicos e hidrológicos. A fase de diferenciação inicia com a criação do BNB em 1951. A fase de desenvolvimento regional tem como marco o Seminário para o Desenvolvimento Econômico do Nordeste, realizado em Garanhuns (PE), de 26 de abril a 3 de maio de 1959.

Apesar de Andrade e Carvalho analisarem as políticas das secas em quatro fases, as estruturas no qual norteavam essa temática em si eram diferentes, pois requeriam muito reformas estruturais do que mesmo medidas paliativas, ou seja, não era só amenizar o período de seca e sim necessitava de ações que aumentassem os reservatórios de água para toda a sociedade.

Magalhães e Glantz (1992) classificam as políticas de “combate” a seca em seis fases: 1) a fase de estudos; 2) a fase de engenharia de recursos hídricos; 3) a fase ecológica; 4) a fase de desenvolvimento econômico; 5) a fase de desenvolvimento sócio econômico; e 6) a fase de desenvolvimento sustentável. Na fase de estudo, alguns autores consideram os anos de 1877 a 1906, período em que várias comissões vieram ao Nordeste com o objetivo de propor soluções para o problema do fenômeno da seca. A fase de engenharia de recursos hídricos abrange o período de 1906 a 1945 no qual prevaleceu a política de construção de açudes. A fase ecológica cobre o período de 1945 a 1950, no qual se procurou o desenvolvimento da agricultura adaptada à região. Nesse contexto, complementa Guerra,

dizem as velhas crônicas e relatórios que a assistência do Governo às populações, até 1845, limitava-se à distribuição de esmolas, passando-se à construção de cadeias e igrejas, para dar trabalhos aos flagelados. A seguir o governo mandou que utilizasse a mão de obra em construção de açudes e estradas. Tais obras eram pobres, em técnica e em administração, esta a cargo dos chefes políticos (1981, p. 25-26).

Assim, o governo ajudava a população oferecendo serviço e comida como se fossem esmolas de caridade, por outro lado se beneficiava com o trabalho sub-humano nas construções de açudes e estradas, essa era uma das estratégias imposta pelo Estado como “combate” à problemática da seca. Destacando a última fase do desenvolvimento econômico compreende o período de 1950 a 1970, no qual foram criadas instituições, como a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), o BNB e a SUDENE, estratégias essas de amenizar o fenômeno da seca, desenvolvendo programas para toda a região nordestina que sofria, ou seja, sofreu com a estiagem.

Assim, como exemplo, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) criada com o objetivo estrito de aproveitar as águas do rio São Francisco para gerar energia. Esta companhia gerou transtornos pelo fato das construções de barragens ocuparem muitos terrenos e ter que transferir quatro cidades, sem contar com os impactos ambientais ocasionados (PONTES, 2012).

Dessa forma, cada município do Estado do Ceará possui suas peculiaridades que evidenciavam a importância da estratégia de amenizar o fenômeno da seca, sejam eles por meio de ações ou projetos. Nesse sentido, as ações da Inspetoria foram iniciadas com base em estudos realizados pelas comissões que a antecederam, assim como pelo conhecimento produzido a partir da implantação da mesma. Foi organizado um corpo de especialistas, entre eles: engenheiros, topógrafos, economistas, sanitaristas, geógrafos e muitos outros profissionais, que foram responsáveis por produzir um rico relato científico sobre a região e a sua indústria da seca (CAMPOS, 1994).

A ação priorizada pela Inspetoria no Ceará foi à construção de açudes de pequeno, médio e grande porte, através de investimentos totais da União, em parceria com fazendeiros da região ou ainda realizando somente os estudos ficando a obra por conta de particulares, ou seja, essa ação partia de interesses econômicos, políticos, pois as terras em que eram construídos os açudes tornariam muito mais valiosas para os proprietários da região e assim, beneficiavam-se com a chamada indústria da seca.

Nesse processo de implantação dos projetos, torna-se visível o profundo estudo sobre as regiões que mais necessitavam dessas obras, e assim, o IOCS deixa claro que essa ação não se restringia somente a dirigir e fiscalizar as ações da

União no “combate” às secas, mas sim exigia um estudo pluviométrico da região. Nesse sentido, Duque afirma que:

O seu primeiro Inspetor, Eng. Miguel Arrojado Lisboa organizou um estudo de pluviometria, fluviometria, topografia, geologia, botânica, reflorestamento e projeto de barragens. Também cuidou da construção de ferrovias, de estradas e da perfuração de poços. Os técnicos brasileiros e estrangeiros, integrantes da IFOCS, publicaram muitas monografias sobre geologia, água subterrânea, botânica e mapas topográficos dos estudos. No Governo Epitácio Pessoa, foram começadas grandes obras de açudagem por firmas estrangeiras, infelizmente paralisadas no governo seguinte (2004, p. 61).

Devido ao profundo estudo sobre o “combate” às secas, o IOCS se transformou em IFOCS, ou seja, seu caráter agora era muito abrangente porque agora era a nível Federal. Mas, este órgão não teve preocupação com o desenvolvimento regional, o descaso do governo pode ser percebido nos períodos de grande seca, em que os orçamentos desta instituição foram reduzidos tornando sua ação inviável. Em consequência, foi criado o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), pois o IFOCS não estava planejando eficientemente seu trabalho para ação de “combate” a indústria da secas, através das ações emergenciais ou mesmo das ações hídricas para armazenamento de água.

Nesse contexto, conforme Pontes (2012) estavam dadas as condições para a institucionalização das propostas de “combate” aos efeitos da seca, com a instalação da “Comissão de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas” (CEOCES). Em 1904, e depois com a criação da “Superintendência de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas” (SEOCES), a perspectiva de “combate” à seca vem se modificando, pois já se convivia com ela no semiárido nordestino, desde que através de políticas públicas e práticas sustentáveis.

Após a criação do DNOCS, de acordo Pontes (2012), surge a SUDENE com o objetivo de tentar equiparar a região Nordeste ao Centro-Sul que era mais desenvolvida através de um setor industrial avançado. Dessa forma a SUDENE foi subornada pelas oligarquias nordestinas, a maior parte dos recursos disponibilizados das ações do governo na infraestrutura de obras contra as secas foi para o setor privado, e devido a estes subornos, a SUDENE foi fechada no governo de Fernando Henrique e reaberta no governo de Lula (MALVEZZI, 2007).

Percebemos que essas ações foram criadas para o “combate” a indústria da seca no Nordeste, assim, tiveram influências sob grupos de interesse manipulando

as tomadas de decisões. Assim, podemos dizer que as ações do Estado eram voltadas para interesse de uma determinada parte da população, ou seja, de oligarquias que se aproveitavam de recursos públicos, em que somente estes eram privilegiados.

Nesse discurso, as ações emergenciais constituíam “uma forma típica de acumulação primitiva” das oligarquias sertanejas que usufruíam econômica e politicamente da ação emergencial de “combate” a indústria da seca: as emergências criaram outra forma de enriquecimento e de reforço da oligarquia: “não apenas os eleitores reais dos “coronéis” tinham prioridade para engajamento nas frentes de trabalho, como os eleitores-trabalhadores-fantasmas, povoavam as frentes de trabalho nas secas” (OLIVEIRA, 1981, p. 55).

Os principais questionamentos sobre os resultados ou eficácia dos órgãos e das ações de “combate” a indústria da seca ocorreram concomitantes às constatações da forte estagnação econômica regional nordestina. Em relação às políticas governamentais no semiárido, questiona-se o caráter emergencial, fragmentado e descontínuo dos programas desenvolvidos em momentos de calamidade pública que alimentavam a chamada indústria da seca. Assim, “por motivos diferentes, nem as medidas de curto prazo nem as de longo prazo contribuíram, até o presente, para modificar fundamentalmente, os dados do problema” (BRASIL, 1959, p.70).

Esse processo de buscar alternativas para solucionar o problema da seca proporcionou a criação e expansão de organizações não governamentais que passaram a desenvolver e difundir tecnologias alternativas e apoiar os chamados projetos alternativos comunitários no semiárido brasileiro.

Em março de 1993, trabalhadores rurais organizados pelo movimento sindical rural, associações, cooperativas e organizações não governamentais realizaram ato público em Recife e ocuparam a sede da SUDENE, exigindo providências imediatas na situação de seca e ações permanentes para desenvolvimento do semiárido.

Conforme dados da SUDENE as organizações não governamentais constituíram com a articulação do semiárido e divulgaram a Declaração do Semiárido, afirmando que a convivência com as condições do semiárido brasileiro é possível. Fruto dessa articulação, juntamente com o governo do Estado foi formulado e está sendo implementado com o Programa de Formação e Mobilização

Social para a Convivência com o semiárido – Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC). Trata-se de uma iniciativa que pretende garantir o acesso de um milhão de famílias a equipamentos de captação e armazenamento de água de chuva para o consumo humano.

Além das cisternas, o Programa pretende estabelecer um processo de capacitação, abordando a questão da convivência com os semiáridos, os aspectos de gerenciamento de recursos hídricos, construção de cisternas, cidadania e relações de gênero. No final do governo Fernando Henrique Cardoso, na estiagem de 2001/2002, foi lançado o Programa Sertão Cidadão: convívio com o semiárido e inclusão social.

Esse programa foi uma das medidas imposta pela Política Nacional de Desenvolvimento Regional, concebida pelo Ministério da Integração Nacional, que veio institucionalizar mecanismos e instrumentos indispensáveis para a consolidação dos problemas nos semiáridos. Assim, o país vem experimentando nos últimos anos, conceitos como inserção social, econômica, convívio com os semiáridos ou a própria expressão desenvolvimento regional ganham concretude e importância no cenário nacional.

Nesse sentido, a Política Nacional de Desenvolvimento Regional teve sua institucionalização por meio de Decreto nº 6047 de 22/02/07 que a elevou à condição de política de governo. Nesse processo, cabe ao Ministério da Integração Nacional (MI) a desafiadora missão de coordenar e articular os programas e ações voltados ao desenvolvimento regional com ênfase à participação de atores regionais, sub-regionais, locais e até internacionais, bem como à valorização das diversidades observadas em todo o território nacional.

Dentro da estrutura do MI, a Secretaria de Programas Regionais (SPR) responsabiliza-se pela implementação e articulação de uma série de ações que traduzem a nova orientação do Governo Federal por meio da coordenação de Programas de Desenvolvimento Regional. Esta nova orientação programática se insere nas diretrizes da Política Nacional de Desenvolvimento Regional.

Para possibilitar o desempenho de suas atribuições a SPR implementa três programas que possuem iniciativas voltadas para a reversão do quadro de desigualdade e de exclusão das regiões brasileiras e de suas populações: o Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-Regionais (Promeso), o Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Semiárido (Conviver) e

o Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF). Em razão de reorientação programática do Governo Federal o Programa de Organização Produtiva de Comunidades (Produzir) foi transformado em projeto e inserido nos três programas da secretaria, que absorveram também as ações do antigo Programa de Promoção e Inserção Econômica de Sub-Regiões (Promover).

Todos os programas desenvolvidos pela SPR têm como objetivo aumentar a autonomia e a sustentabilidade das atividades econômicas nas regiões dos semiáridos, para promover a inserção produtiva de sua população, por meio da organização social e do aproveitamento dos potenciais endógenos da região. A atuação SPR diferencia-se das iniciativas governamentais anteriores de combate às secas com predominância de obras hídricas emergenciais e transferências assistencialistas de recursos.

Assim, o Conviver apresenta um recorte de atuação nitidamente territorial e sua ação ocorre de forma transversal, envolvendo ministérios das áreas econômica, científica e tecnológica, social, ambiental e de infraestrutura e outros órgãos da esfera municipal e estadual. Além disso, a implementação do Conviver acontece basicamente a partir de iniciativas de organização social e de gestão participativa, capacitação para o desenvolvimento por meio do cooperativismo e da estruturação e organização de arranjos produtivos locais no semiárido.

De acordo o Ministério da Integração Nacional (2005), a articulação das políticas públicas das três esferas de poder com vistas à potencialização de resultados, por exemplo, o Conviver atua ainda na sensibilização dos parlamentares do Congresso Nacional para canalizar recursos oriundos de emendas parlamentares como reforço financeiro à elaboração de infraestrutura e implementação de ações de desenvolvimento regional do semiárido.

Assim, os semiáridos nordestinos têm sido pautados por um conjunto de ações para a infraestrutura hídrica como (açudes, barragens, adutoras, poços, perímetros de irrigação etc.) aliado a iniciativas de natureza assistencial. Ainda que este conjunto de ações possua alta relevância para as condições básicas de sobrevivência e cidadania e para a sustentabilidade regional, conforme o Ministério da Integração Nacional (2005), as perspectivas do Conviver se volta para a busca de geração de trajetórias locais de desenvolvimento.

Contudo, o Ministério da Integração Nacional (2005), diz que esse conjunto de ações também tem seus desafios a ser enfrentado pelo Conviver e fazer com que

haja, de fato, uma integração de ações, mais do que uma reunião de ações, nos espaços selecionados do semiárido. Isso vale tanto para as articulações entre as várias unidades do Ministério da Integração Nacional que atuam naquele território (SPR, SIH, Sedec, Dnocs, Codevasf e SUDENE) quanto para as articulações entre os demais ministérios. Na busca de se gerar essa articulação, instituiu-se o Comitê Multissetorial de Monitoramento do Programa Conviver, que reúne os coordenadores de ação, inclusive os de outros ministérios, em intervalos regulares para tratar da implementação do programa e suas dificuldades.

Assim, o Programa Conviver foi formulado sob a ótica do desenvolvimento regional e orienta-se pela necessidade de se equilibrar as disparidades socioeconômicas entre as diversas regiões do Brasil. O semiárido, por exemplo, encontra-se entre as regiões brasileiras que mais requerem atenção do Governo Federal em razão de suas características naturais peculiares e seus fatores históricos que fragilizam sua economia.

Em vista disso, acredita-se que políticas públicas voltadas para o estímulo do potencial econômico endógeno da região e ao fortalecimento da estrutura social em bases sub-regionais compõem um caminho viável para a promoção do desenvolvimento econômico e social do semiárido. Conforme o Ministério da Integração Nacional (2005), como resultados do Conviver espera-se reduzir as carências decorrentes das condições climáticas dessa região, promover uma maior inserção econômica e social das populações locais, com geração de trabalho, emprego e renda, e incentivar a integração de políticas públicas multissetoriais no semiárido.

Atualmente, estamos diante de um colapso, mais uma calamidade social vivida nos semiáridos, no limiar do século XXI, estamos com a ocorrência de mais uma grande seca, multiplicam-se as notícias dos reservatórios de água secos e a continuidade das práticas emergenciais. Contudo, diante das pesquisas apresentadas sobre a seca no Nordeste e políticas públicas, concluímos que esses problemas são de interesses políticos, econômicos e sociais.

Por isso, as políticas públicas existem, mas não dão conta do fenômeno da seca. O que há, é má administração dessas políticas, pois as soluções existem, porém, não se teria uma solução plausível, antes de fazer uma profunda transformação na administração política voltada para o social de toda a sociedade.

Nessa perspectiva, no próximo capítulo serão analisadas e discutidas as informações colhidas na pesquisa de campo, realizada no município de Senador Pompeu-Ce, em que serão investigados os discursos mencionados nas falas dos entrevistados, através de um recorte do que foi percebido entre o pesquisador e os depoentes sobre o tema em questão, trazendo-se a visão geral na problemática da seca de 1932 vivenciada por sua população.

## **4 AS MEMÓRIAS DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SENADOR POMPEU-CE SOBRE A SECA 1932 E O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO**

### **4.1 As memórias da seca de 1932**

Neste capítulo, trazemos as memórias de nossos interlocutores, com espírito de fé humanitário, demonstraram ser um povo simples, humilde que estão dispostos a ajudar sem esperar nada em troca, assim, fomos acolhidos por cada um dos entrevistados, pois parecia que já os conhecia há muito tempo, assim, a memória individual também pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva.

A memória coletiva, por sua vez, engloba as memórias individuais, mas não se confunde com elas, evoluindo conforme suas leis. Quando ocorre de determinadas lembranças individuais a invadirem, estas mudam de aspecto na medida em que “são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Para o autor, na memória coletiva podemos identificar aparentemente individual, pois, está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. Dessa forma, “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos” (HALBWACHS, 2013, p. 12).

Ao explanar sobre a memória coletiva, vale lembrar que também, nos fundamentamos na história oral como recurso metodológico que segundo Juca (2011) a possível limitação presente no uso da memória como recurso de compreensão do passado decorre da escolha dos entrevistados.

Nesse sentido, a memória é relatada por meio da história oral e passa a ter um universo mais abrangente, pois, baseia-se na multidisciplinaridade dos mais diversos levantamentos das lembranças vivenciadas pelo o povo. Diante, das tristes lembranças relatadas pelos depoentes nas entrevistas, paralelamente existiu também a necessidade de partilha dos dados com outros pesquisadores, o que se constitui ao mesmo tempo num enriquecimento e numa checagem das formas de compreender, explicar e interpretar a massa de informações trazida pela verbalização dos sujeitos em memória.

Este procedimento conduziu a maior objetividade e precisão na análise das entrevistas, pois é através da história deles que esse estudo se inseriu, e se atualiza com as ideias de outros pensadores. Assim, esse processo significou a concretização dos tópicos numa sequência de narrativa ancorada na literatura e nas próprias verbalizações dos sujeitos, em que o cuidado com a linguagem ficou por conta de uma elaboração coerente e fluida que encaminhe o leitor para a compreensão, análise e crítica da abordagem desta temática (ARIES, 1994).

Na verdade, as afirmativas do autor supracitado acima nos levam compreender por meio, das verbalizações dos sujeitos à representação de valores resultante da memória. Nesse sentido, os depoimentos a seguir são carregados das tristes lembranças decorrentes da memória. Por isso, as entrevistas partem da interpretação social extraída da memória, em que nos remete um campo mais abrangente.

Assim, a memória é socialmente construída, como disse Pollak “para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral” (1992, p. 08). A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer e ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.

Ainda, acrescenta Pollak (1992) o trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte. É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo o trabalho do historiador já se apoia numa primeira reconstrução.

Dessa forma, escolhemos pessoas que tinham certa experiência de vida, pois a razão principal dos depoimentos serem com pessoa mais experiente reside na descoberta do valor histórico que elas representam, resgatando-lhes o valor do presente em suas memórias. O primeiro questionamento feito aos entrevistados após a interpretação dos dados foi relacionado às memórias da seca de 1932. Os relatos dos entrevistados, de modo geral destacam momentos de tristeza, angústias e emoções, assim, vale ressaltar que todos se comoveram ao lembrarem-se dos seus antepassados. Nessa perspectiva, iniciamos com as memórias da seca de 1932, veja o que conta a nossa primeira depoente D. Pirrita, nome em que a mesma gostaria de ser chamada e narra o seguinte:

Minha profissão é agricultora, sou filha de agricultores e me criei na roça. Hoje sou aposentada, mas vivo da roça, sempre morei no sítio e nunca em cidade. Na seca de 1932 eu não era nascida, e sei por que minha mãe (Judite Pinto Magalhães) me contava. Nesse ano de 1932 os pais de mamãe moravam numa comunidade perto de Pique Carneiro, chamado de Bachí e lá tinha dificuldade muito grande de água e de alimento, mas o sofrimento maior era da falta de água. E meu pai (Raimundo Pinto) se arrastou com os nove filhos para Senador Pompeu, ficando nos casarões do Campo de Concentração. Minha mãe dizia que a família inteira foi trabalhar quebrando pedra para construir o alicerce da barragem e ganhavam comida (rapadura, farinha), pois não havia comida a vontade e nem na hora que o povo queria, pois era distribuída pelos chefes. Como tinha muita gente, todos os dias recebiam a mão cheia de farinha com rapadura para comer e a água era das cacimbas do rio Banabuiú, já que estavam construindo a barragem. E começou a epidemia, por isso morriam muita gente, a cabeça das pessoas era raspada para não criar piolho (Maria Margarida Marques – Pirrita, 67 anos).

O depoimento da D. Pirrita veio carregado de simplicidade e humildade. A mesma relata com detalhes que não viveu no Campo de Concentração, mas, lembra o que a mãe contava sobre as vivências na época da seca de 1932. E, os irmãos ainda pequenos tiveram que trabalhar quebrando pedra para poder ganhar a comida e sobreviver àquela terrível seca. Naquela época a dificuldade era grande, tinha que trazer água para casa no balde quando encontrava, mas, em Senador Pompeu tinha sempre água nas cacimbas da barragem. Assim, confirma-se nas palavras da D. Pirrita e ao mesmo tempo complementa:

Em 1932, minha mamãe adoeceu da cólera na barragem, ficou entre a vida e a morte, tinha os enfermeiros que visitavam os doentes, se tinha médico eu não sei, mas vinha gente de fora trazendo doação, até remédios. Alguns tinham sorte de ganhar, outros não dava, porque era muita gente, acabavam logo, pois lá tinha chefe para tudo. Tinha um vigário (Pa. Francisco Lino Aderaldo) que vinha de fora e celebrava a missa campal em frente ao casarão de cima, batizava de graça todas as crianças levadas pelos pais, sem padrinhos por que era uma multidão, e ainda fez a unção na minha mãe que quase morreu. Mas, ela faleceu no ano de 1965 e tinha 51 anos, mas a causa da morte não foi da consequência da seca de 1932, foi de outro tipo de doença. Nunca esqueci mamãe contando que do mandacaru se aproveitava tudo, o fruto comiam, o resto tirava o espinho e assava para comer (Pirrita, 67 anos).

As consequências da seca são mesmo alarmantes, como podemos observar nas memórias da D. Pirrita, aquilo que parecia ser inútil era feito de fonte alimentar, como a mesma disse que tudo se aproveitava, até o mandacaru e a água que era retirada das cacimbas. As condições em que o povo vivia eram mesmo desumanas, como disse a mesma tinham vigia para tudo e o povo era privado até de sair para caçar.

Dessa forma, precisava vir enfermeiro de fora para cuidar dos doentes e o vigário tinha que fazer missa e batizar as crianças a campal porque não havia um lugar reservado para esses momentos. O povo só podia adoecer devido às más condições em que viviam, pois se não havia comida suficiente para saciar a fome imagina a falta de higiene do povo que existia, ou seja, tudo isso contribuiu para causar o surto epidêmico e matar muita gente.

Ficamos angustiados a cada depoimento, pois, quando se pensava que tinha ouvido tudo, mais revelações eram memorizadas. Diante desse contexto se produziu uma imensa quantidade de dados que se acham extremamente diversificados pelas peculiaridades da verbalização dos sujeitos, veja nas memórias dessa depoente:

Cheguei a Senador Pompeu em 1926 com minha mãe (Ana Maria da Conceição) e meu (pai Antônio Gomes da Silva), era empregado do DNOCS como vigia da noite nos casarões, encarregado de impedir que os flagelos seguissem viagem para Fortaleza. Morávamos na primeira das três casas com alpendre, chegando da rua; também nas outras casas moravam vigias: Francisco Chagas Oliveira e Miguel Carneiro. Em 1932 eu tinha onze anos quando começou a Concentração da seca. Eu nunca soube o que era fome, por que papai trabalhava como vigia e trazia a comida melhor para nós. Então, aconteceu a doença e começou a morrer gente: dor de barriga, diarreia, e os pobres inchavam e morriam. Os novos resistiam, os mais velhos não tinha o que comer, começou a passar fome e as valas onde enterrava os mortos eram comunitárias. Todo dia morria um anjinho, uma criancinha de fome e doença, recorda. Às vezes o povo enterrava no mato escondido, por medo de que nas valetas do cemitério tirassem o fígado dos mortos. Muitas crianças, também uma prima minha e um irmãozinho, um anjinho de três meses, morreram, mas foi de sarampo (Sra. Carmélia Gomes Pinheiro 94 anos).

Aos 94 anos, D. Carmélia é uma das poucas testemunhas vivas da seca de 1932 e do Campo de Concentração em Senador Pompeu, embora amenize os horrores do confinamento. O pai de D. Carmélia era um dos vigias do confinamento que impedia dos flagelados saírem para a capital, à mesma diz aliviada que nunca passou fome, mas morreu muita gente de fome e doença. Sem perceber, ela deixa cair lágrimas nos olhos ao falar que morria um anjinho todo dia, os mais frágeis morriam logo, eram as crianças e os idosos que não suportavam o sofrimento da dor e fome.

Nesse momento, tivemos que dá um tempo para ela pudesse se reestabelecer de suas emoções, após algum tempo nos contam de como era o local em que vivia com a família e narra o seguinte:

Eram barracos de folhas cobertos de ramos em todo canto do campo, uma multidão de pessoas. O povo tinha medo era da chuva da seca, já que não chovia para fazer água o povo adoecia ainda mais. Depois das chuvadas, chegavam em casa mães com criancinhas molhadas, a mãe dava roupinha enxuta, o pai dava um feijão ou uma comida; pouca coisa, pois também a gente era pobre. A comida passada pelo governo era feijão preto, farinha amargenta, rapadura mascavo, mas tudo era comida grosseira e fazia mal. O povo morria lá, mas tinha barraca e tudo era arrodado de covas. Bem cedo tinha uma fila para receber a comida passada pela comissão. Em 1933, ainda tinha um bocado de gente lá e os que sobreviveram foram embora, pois chegou o inverno e terminou a Concentração, os flagelos foram levados embora de trem, com a máquina a lenha, para as várias destinações (Sra. Carmélia Gomes Pinheiro 94 anos).

O depoimento da D. Carmela veio carregado de emoção. A mesma relata com detalhes as vivências da seca de 1932, embora ela estivesse em condição melhor, pois o seu pai era empregado do DNOCS, mas sempre apareciam pessoas pedindo esmolas, e eles dividiam o pouco que tinha, pois também eram pobres. Há mesma diz que eram muitos barracos de folhas, e quando chovia o povo se molhavam, chegavam mães com crianças molhadas e sensibilizada com aquela situação davam roupas limpas e um pouco de comida. Mesmo diante de tanta miséria aparecia almas caridosas que dividiam o que tinham, assim, fazia a família de D. Carmélia. Imagina quanta lamentação desse povo que mendigava por um pouco de comida.

Assim, conta a D. Carmélia que faziam filas todos os dias para receber os alimentos, tudo era grosseiro e fazia mal, mas, a fome era imensa que o povo comia. Quando adoecia, suponha que era da comida grosseira, pois, o povo sentia muita dor de barriga e matava logo. Nesse sentido, foram concentradas milhares de pessoas em condições desumanas, com violação de direitos básicos como, moradia, alimentação, trabalho, educação etc.

Diante desse contexto, segundo Rios (2001), quando o povo foi liberado do Campo de Concentração muitos flagelado caminhavam longos trechos a pé, procurando uma estação de trem, grandes levas de retirantes enchiam de tristeza e fome as estradas do Sertão. Das mais longínquas paragens saíam homens, mulheres arrastando filhos e algum pertence a caminho da cidade. E, na angustiada luta para arrefecer a fome, os retirantes matavam e comiam algumas reses que ainda resistiam nos pastos das grandes fazendas, situação como essa eram comuns nos noticiários dos jornais sobre o roubo de bois e vacas.

Contudo, esses depoimentos são carregados de sentimentalismo, emoções nunca esquecidas, mas lembrada a cada momento em memórias dos antepassados, veja o que nos conta esta depoente.

Não me esqueço de meus pais um só momento, minha mãe contava que quando chegou em Senador Pompeu com dez filhos foram trabalhar na barragem. Antes de chegar lá o povo contava que havia trabalho e comida, mas quando chegaram à realidade era outra, pois era muito sofrimento. A comida que tinha para comer era feijão preto a farinha cheia de gorgulho, mas como meu avô era prancheiro, trabalhava numa prancha carregando alimento na linha férrea. Ele pegava o alimento melhor do que os outros porque trabalhava nesse serviço. A água não era boa, pois era suja. Me lembro como hoje, mamãe contando que tinha vizinha, e o esposo dela trabalhava no serviço mais fraco. Ela colocava uma panela no fogo com água e pedra. Isso ela chamava de caldo de pedra que dava a família para saciar a fome, pois o alimento era pouco e de ruim, (Fernanda Maria Simão Martins, 64 anos).

Quanta tristeza nas lembranças de D. Fernanda que se emociona ao falar dos pais e das histórias tristes que viveram em Senador Pompeu-CE. Nesse momento é preciso dar um tempo, pois a mesma não conteve as lágrimas, ao mesmo tempo se desculpa, pois sempre que se lembra dessas histórias lhe bate uma imensa tristeza.

No entanto, sua mãe não passava fome por que seu avô trabalhava como prancheiro e trazia alimento melhor para a família, mas, ajudava a vizinha que fazia até caldo de pedra como alimento. Por meio dessas memórias, percebemos a luta pela sobrevivência era constante, pois a água não era boa, ou seja, se obrigavam a beber água suja para saciar a sede e demais necessidades básicas.

Conforme Rios (2001), conta esse Campo de Concentração funcionavam como uma prisão. Os que chegavam não podia mais sair, ou melhor, só tinham permissão para se deslocar quando eram convocados para o trabalho, como a construção de estradas, açudes, obras de melhoramento urbano de Fortaleza, ou quando eram transferidos para outro Campo.

De fato, as vivências da seca de 1932 tratam de momentos difíceis enfrentados pelo povo no Campo. Dessa maneira, a fala de D. Fernanda é compatível com a do D. Carmélia, ao explanar sobre a alimentação que era muito grosseiro. Dessa mesma forma o Sr. Antônio nos fala:

Nasci e me criei em Senador Pompeu-CE, nessa época eu era muito pequeno, mas, lembro quando papai dizia que na seca de 1932, trabalhava

com toda a família na construção da barragem, mas o que viveu lá só foi tristeza; o povo trabalhava para receber um pouco de farinha, feijão, e rapadura. Eram muitos barracos, sujeira e o mau cheiro estavam em cada canto, morria muita gente e que os enterravam em valetas comuns que cobriam de terra quando cheias. Era gente, mas era gente, que fazia tristeza ver. O atual cemitério é só um dos lugares onde sepultavam os falecidos, pois muitas valetas ficaram nos lugares hoje cobertos pelas águas da barragem (Antônio José da Silva, 104 anos).

Apesar, da idade avançada, pele enrugada e do cansaço, o Sr. Antônio, expressou um pouco das lembranças de seu passado triste, pois já havia esquecido muita coisa. Em sua fala, observamos que ele também apresenta rispidez ao se expressar sobre o alimento que recebiam farinha, feijão e rapadura.

Muitos retirantes se submetiam ao disciplinamento de suas vidas diante da necessidade de receber os gêneros alimentícios. Por outro lado, a distribuição da comida é uma dimensão central nas tensões entre concentrados e administradores, caracterizando o roubo ou a recusa da alimentação como revoltas de amplo significado, RIOS (2001).

Nessa perspectiva, a fome era ao mesmo tempo o elemento de controle e descontrole da multidão. De acordo Rios (2001), o argumento da necessidade do alimento para sobreviver era utilizado pelos poderosos na tentativa de despolitizar o movimento, mas, por outro lado, dava ao pobre justificativa satisfatória para as revoltas e os motins contra os ricos.

Assim, analisando a fala de D. Carmélia com a do Sr. Antônio, ambos expressaram que havia muitos barracos, em que muitos mortos foram enterrados em valas comuns e cobertos quando cheias. Atualmente, nesse local esta coberta com as água da barragem Patu. Partindo dessa questão, você olha para a barragem Patu e imaginar que um dia aquele local foi caracterizado por um Campo de Concentração, é mesmo assustador tudo isso, mas, veja o que nos conta o Sr. Braz, assim, será chamado.

Eu morava no Sítio Tanquinho com minha família, ao todo são quinze irmãos, quando papai morreu deixando onze filhos, hoje só tem apenas eu vivo. No ano 1932 meu avô me chamou para trabalhar na construção da barragem em Senador Pompeu, quem entrasse não podia sair, mas eu não fui, fiquei no Sítio Tanquinho. Então, ele levou um cunhado (Sebastião Vitor) meu para trabalhar e foi ai que escutei falar muito da seca de 1932. E muita gente chegava à barragem, começou a epidemia, por isso morria muita gente todo dia, a cabeça das pessoas era raspada para não criar piolho, a comida era ruim e ainda recebia por migalha o alimento todo dia. Faleciam de trinta a quarenta pessoas a cada dia, no cemitério faziam valetas comunitárias de toda largura, quando estava cheia de mortos cobriam para

fazer outra valeta. Ninguém tomava o nome deles; quase não eram considerados pessoas ou cristãos por que era muita gente, (Antônio Braz, 102 anos).

Aos 102 anos, Sr. Braz mostrou-se seguro, lúcido sobre o que lhe perguntava, ao mesmo ficamos comovidos apenas em ouvir suas memórias, imagina esse povo que viveu tudo isso, a lamentação das pessoas em perder seus entes queridos. Quanto descaso por parte das autoridades públicas deixarem que chegasse nessa situação de miséria, falta de respeito com o próximo, não notificar os mortos, ou seja, já que não tinha um número exato dos mortos, pois era muita gente que morria todos os dias e esse número também poderia ser maior do que o estabelecido pelo depoente.

De acordo Rios (2001), os dados oficiais acerca do número de flagelados no Campo de Concentração, apresentados pelo jornal *O Povo* na edição do dia 20 de junho de 1932, são de 16.221 pessoas em Senador Pompeu, em que as más condições de vida nos Campos de Concentração não se evidenciaram imediatamente, pois houve, no início, amparo aos retirantes, como é o exemplo da preocupação com a vacinação dos flagelados.

Dessa forma, nas palavras do Sr. Braz quem entrasse no Campo não podia sair, pois o povo era atraído aos campos pelas promessas de trabalho, alimentação e assistência médica, os retirantes eram privados de sua liberdade, não podendo sair senão por convocação às obras de emergência do governo.

O número de enfermos aumentava a alimentação escassa, a falta de higiene e o elevado número de pessoas apenas contribuía para a rápida disseminação da cólera. Como vimos muitos os que morriam todos os dias eram enterrados amontoados em valas cavadas pelos próprios flagelados. Nesse contexto, analisando as falas do Sr. Braz com a da D. Pirrita, observamos a semelhanças ao expressar sobre como a epidemia começou, por isso morria muita gente todo dia, a cabeça das pessoas era raspada para não criar piolho.

Agora, veja o relato da D. Ana lembrando as memórias de seu passado sofrido e jamais esquecido:

O ano 1932 foi muito sofrimento morava no sítio Mandacaru e muita gente da minha família foi trabalhar na barragem em Senador Pompeu, inclusive um cunhado meu que era babero foi trabalhar cortando o cabelo do povo. Primeiro ele teve cortar o cabelo dele para depois cortar dos outros; ele tinha quatro filhos, quando estavam morando na barragem começou a febre

e um casal dos filhos dele morreu e depois ele adoeceu e também morreu, a viúva casou-se novamente e meu pai criou os outros dois filhos. Tinha um irmão meu que foi trabalhar na barragem, mas adoeceu e veio de lá numa rede, tão doente, eu fui cuidar dele, quando melhorou eu adoeci, quase morro também. Minha avó (Ana Joaquina da Conceição) e meu avô (Cosmo da Cunha Lima) também foram trabalhar na barragem: eles contavam que quando saíram da barragem e foram morar em Maranguape aconteceu um milagre, lá onde eles moravam, todo dia amanhecia uma carreira de formiga trazendo feijão branco, aí todo mundo ajuntava uma cuia de feijão para fazer a comida, isso foi até chover. Vovó dizia que isso só podia ser milagre, (Ana Cadeira Lima, 96 anos)

Como podemos observar nas memórias da D. Ana em meio a tanto sofrimento do povo que moravam na barragem, o aglomerado de gente, muitos adoeceram e ficaram ali mesmo. No entanto, com todas as lamentações do povo era possível presenciar milagre como, por exemplo, o que viveu a Avó da D. Ana no período de escassez, ao mencionar às formigas trazendo feijão branco e ainda, vale ressaltar a humildade do povo em dividir o pouco que tinha uns com os outros.

Nesse sentido, segundo Rios (2001) a raspagem dos cabelos foi feita em meio à norma sanitária que era recorrente da insubordinação entre os concentrados. Em todos os campos existia uma odiada barbearia, para cumprir as ordens dos chefes e arrastarem os homens até lá para raspa a cabeça. Assim, para os desobedientes eram de algum modo punidos e os obedientes havia prêmio de algum cigarro ou fumo. Mas, nem mesmo a premiação causava o efeito desejado pelos os oficiais do Campo.

Assim, D. Ana lembra as normas do corte de cabelo fazendo referências ao perigo do piolho, que empestava rapidamente, a mesma ainda complementando em suas memórias que diz:

Eu casei com o Sr. Pedro Cosmo de Lima, tivemos vinte filhos e se criaram doze e hoje moramos apenas com uma filha. No ano 1932, meu esposo trabalhava na barragem ele contava que viu um rapaz que adoeceu de febre e diarreia, deitado numa rede de uma cerca a outra, esse rapaz estava que era beiju de varejeira, pois estava só vivo. Então, meu esposo disse: eu vou lá morrer aqui. Tudo era assombroso, tinha um homem chamado de Sr. Fileno que doou um pedaço de terra para fazer as valetas e enterrar os mortos. Até que um dia levaram uma velhinha para o cemitério, quando avistaram que vinha à chuva da seca, o povo morria de medo, acabaram deixando a velhinha fora da valeta. No dia seguinte, viram a velhinha sentadinha, quando ela viu os guardas disse: ó meu filhos não morri da doença mais vou morrer da catinga dos mortos. Nesse momento tiraram a velhinha de lá que viveu mais alguns dias. Meu esposo ainda com lucidez dizia que: a barragem era chamada de Curral dos Pobres e água que bebiam era das cacimbas do rio Banabuiú que estava em construção, (Ana Cadeira Lima, 96 anos).

O Sr. Pedro Cosmo Lima, atualmente com 102 anos não se encontrava mais com lucidez para explanar sobre suas memórias, mas D. Ana relatou nos mínimos detalhes sobre esse passado triste, marcado pela dor da perda de seus entes queridos.

Diante o relato de D. Ana, conforme Rios (2001) é relevante destacar a semelhança no nome com o qual os flagelados batizaram o Campo de Concentração, assim, chamado de Curral dos Pobres ou Curral do Governo, pois os tinham como uma forma de prisão, portanto, o povo era tratado como bichos e não seres humanos.

Assim, fica o exemplo de D. Ana ao expressar que um dia levaram uma velhinha para o cemitério, quando avistaram que vinha à chuva da seca, o povo morria de medo, acabaram deixando a velhinha fora da valeta. No dia seguinte, viram a velhinha sentadinha, quando ela viu os guardas disse: ó meu filhos não morri da doença mais vou morrer da catinga dos mortos.

Quanto sofrimento, a tristeza tomava conta das pessoas, pois nem se quer o povo tinham o direito de morrer antes de ser lavado para o cemitério. Em meio à análise dessa trajetória de memórias podemos observar a simplicidade, honestidade e veracidade dos fatos expostos a cada depoente e quanto tudo isso nos emociona, pois essa historia da seca de 1932 não pode ser esquecida e que acontecimentos como este não venha se repetir. A seguir veremos o que povo enfrentou e viveu no Campo de Concentração na perspectiva das memórias do povo de Senador Pompeu-CE.

## **4.2 As vivências no campo de concentração**

Entre os anos de 1919 e 1923, com o objetivo de amenizar os transtornos causados pelas secas no sertão cearense o DNOCS iniciou, no município de Senador Pompeu, a construção da Barragem do Patu. Mas, a construção não foi concluída, os engenheiros ingleses contratados para a empreitada edificaram uma vila com pontos de apoio para seus trabalhos na obra. O complexo de prédios erguidos ali ficou conhecido como *Vila dos Ingleses*.

Quando em 1932 foram instituídos os Campos de Concentração, depois de declarada oficialmente a seca, tratada pelo presidente Getúlio Vargas (período do

Governo Provisório) como questão nacional, a Vila dos Ingleses, ponto em desuso, de apoio à construção da barragem que atenuaria as dificuldades causadas pelos períodos de estiagem, tornou-se o Campo de Concentração do Patu, local de convergência e isolamento de retirantes flagelados do Sertão Central.

Diante desse contexto, ao chegar a Senador Pompeu-Ce, as ruínas que restaram das edificações construídas pelos os ingleses, lembram um episódio pouco conhecido da história das secas, pois o confinamento de retirantes em acampamentos espalhados no interior do Estado resultou o chamado Campo de Concentração. Dessa forma, os casarões abandonados em 1923 viraram pontos de distribuição de comida aos flagelos, na seca de 1932, veja nas memórias de D.Fernanda que conta o seguinte:

Mamãe falava que em 1919, quando começaram os trabalhos da barragem do Patu, foram construídos os casarões. Assim, saindo de Senador, depois da casa de pólvora, o primeiro casarão era a Estação de Trem: por trás, ao longo da grotta, o casarão amarelo era chamado de Casa da Luz, com os maquinários para produzir energia. Onde atualmente está a casa Por do Sol era a farmácia; por trás o casarão grande era a casa do chefe da inspetoria e o casarão de cima era a casa da Comissão. Em baixo onde são ruínas e colunas quebradas era um quarteirão; a casa de cor rosa antes da ponte se chamava de Almoarifado; no alto, subindo da Estação, ficava a Vila Operária, onde morava a maioria dos trabalhadores. Mas, em 1923 suspenderam os trabalhos, paralisaram a construção da barragem. E, todo mundo foi embora, e em 1932 foi declarada a emergência da seca, concentrando o pessoal que vinham de todo canto no trem para os casarões em Senador Pompeu (Fernanda Maria Simão).

O depoimento de D. Fernanda veio carregado de lembranças do seu antepassado, pois as construções dos casarões eram bonitas de se vê, assim, dizia sua mãe. Embora, os mesmos sejam marcados pela a dor dos flagelos da seca de 1932, pois a tristeza era imensa, já que a quantidade de famintos que se aglomeravam no local aumentava a cada dia. Ainda vale ressaltar que esse Campo de Concentração foi construído de modo estratégico, ou seja, nas proximidades da Estação Ferroviária, pois, possibilitava um maior controle sobre a vida dos retirantes.

Os retirantes eram atraídos aos campos pelas promessas de trabalho, alimentação e assistência médica, sendo privados de sua liberdade, não podendo sair senão por convocação às obras de emergência do governo. Conforme, D. Fernanda em 1932 foi declarada a emergência da seca, concentrando o pessoal que vinham de todo canto nos casarões de Senador Pompeu.

Segundo, Rios (2001) nesse momento em que foi declarada a seca, na capital começaram a tecer uma rede de relações com as quais se cria um cenário de terror. Assim, a imagem da preocupação com a seca e mais ainda com o flagelado dava respaldo e legitimidade aos projetos das elites para o controle da situação. Diante desse discurso, a vida no Campo de Concentração não foi nada fácil, pois remexer nesse passado traz lembranças da sombra sinistra da miséria vivenciadas pelos flagelados no Campo de Concentração, vejamos o diz esta depoente:

Quem entrasse no Campo de Concentração não podia sair, pois tinha chefe para tudo, os guardas vigiavam de dia de noite e só podia sair se tivesse autorização deles. Lembro quando meu Avô contava que o povo fugia como escravos. Teve até um casal que fugiu por dentro do mato e se perderam, com medo dos do chefe do Campo andaram muito até que chegaram à sua comunidade. Ainda no ano de 1932, em Fortaleza também havia um Campo de Concentração (Pirambu) e precisava de gente para trabalhar. E quem escolhia as pessoas era o chefe do trabalho ou quem governava. Assim, Meu Avô foi nomeado a ir para Fortaleza com a família e lá ia trabalhar na construção da ponte do trem, pois passou quase toda a seca em Senador Pompeu trabalhando no Campo de Concentração. Quando eles chegaram a Fortaleza era a mesma coisa, pelo menos lá tinha mais água, logo na beira da praia ninguém morre de sede, pois bebiam água salgada mesmo e as coisas começaram a melhorar (Pirrita, 67 anos).

O depoimento de D. Pirrita veio carregado de angústia sobre tudo o que acontecia nesse Campo, pois quem entrava não podia sair, ou seja, manter o povo ali como se fosse prisioneiro, e logo percebemos a violação de direitos sofrido pelo os mesmos, ter que fugir como escravos para sair daquela situação de flagelados.

Essas cenas de flagelados pouco a pouco, transformavam a cidade em um palco de miséria e os grandes casarões tinham suas calçadas ocupadas por flagelos famintos. Diante desses fatos tornava-se mais difícil ignorar a tragédia da seca e o pavor com a chegada dos retirantes que estava presente nos jornais da capital, quase que diariamente. Exigia-se do governo medidas extremas para conter as levadas cada vez maiores de flagelados, que se lançavam às estradas com o desejo de chegar a capital.

No discurso da D. Pirrita havia um Campo de Concentração até em Fortaleza, conhecido como o Campo de Concentração do Pirambu, inclusive o avô da mesma foi nomeado a ir trabalhar nesta capital e levou sua família junto. Embora, tivesse passado quase toda a seca de 1932 em Senador Pompeu, a realidade em Fortaleza não era diferente do que viveu em Senador, pois a pobreza, fome e miséria tomava conta de todo o Campo. A única diferença, de acordo a mesma era

por que havia mais água, já que viviam perto da praia, veja o que diz a historiadora Rios, ao analisar os depoimentos da época, apresentou matérias que denunciavam a chegada de retirantes em Fortaleza, ou seja, matéria do Jornal Nordeste publicado em 16 de março de 1932:

Os famintos estão chegando até Fortaleza. Trens são assaltados e agora os chefes de comboios já não impedem a vinda dos flagelos para a capital (...) (17/02/32). O correio do Ceará reforçava: “Os retirantes vêm vindo (...) é a seca em toda a sua rudeza que traz aos nossos rumos esses infelizes, míseros destroços da catástrofe que enluta os sertões e que acabará por nos envolver completamente (...)”. Conforme esse jornal, o governo deveria ter ação imediata, pois “o momento não comporta vacilações”. Para evitar o crescimento do perigoso problema, o poder público deveria “assistir à população no próprio meio onde ele vive (...)” (Correio do Ceará, 05/03/32). Enquanto isso, o Povo alardeava: “Hoje, pela manhã quando partia o trem horário de Senador Pompeu, foi o mesmo invadido por uma leva de cento e tantos flagelados, que, embora em atitude pacífica, se mantiveram no firme propósito de se transportarem a esta capital (...) (apud RIOS, 2001, p. 30).

Essas notícias revelam o pavor que já existia na cidade, entretanto apontavam, também, para uma significativa contribuição desses jornais na produção do pânico. O texto jornalístico não apenas dava a notícia, mas também alimentava sentimento de medo em face dos flagelados. Assim, criava-se a imagem de um flagelo que podia tornar-se bastante ameaçador, pois já apresentava, nas invasões dos trens, índice de revoltas com proporções incalculáveis.

Dessa forma, assemelha-se ao depoimento de D. Fernanda ao falar que chegava gente de todo canto no trem para os casarões da barragem. Inclusive nessa época os jornais denunciavam o crescimento do problema da seca, pois o poder público deveria assistir à população no próprio meio onde vive. No entanto, esta situação preocupava também os comerciantes com o rápido socorro aos flagelados que temiam ser saqueados, assaltados.

Assim, os campos de 1932 foram criados com o propósito de tratar as enfermidades, saciar a fome dos retirantes, oferecer-lhes emprego, e evitar que chegassem à capital disseminando doenças (principalmente doenças epidêmicas como a cólera e a varíola) e causando desordem no funcionamento do comércio.

De acordo Rios (2001), os comerciantes locais recorriam ao prefeito em busca de solução para esta situação, é diante dos saques que as providências solicitadas pelos ricos estavam quase sempre ligadas à ideia de socorrer os flagelados, gerando também a partir das tradições de um Sertão enredado, ou seja,

em certa medida, eles também vivenciavam a cultura tradicional que estabelecia os princípios de apadrinhamento.

Entretanto, esses elementos se misturavam ao tradicional para compor as relações entre os ricos e os pobres. Nesse sentido o apadrinhamento era visto por aqueles que vinham de fora e cuidava do povo no Campo de Concentração, observe a seguinte fala de D. Fernanda:

Mamãe (Belizaria) dizia que o povo vivia no Campo de Concentração assustados: era aquela diarreia, hoje conhecida como cólera. Tinha o pessoal que vinha de fora para cuidar do povo, os mesmo tinham como padrinhos, mas, estes não dava conta por que era gente demais. Todos com camisola de saco e a cabeça raspada. O povo gemendo de dia e de noite, pois se ouviam em todos os lados da concentração, era só quem tinha um coração forte para suportar e ver aquele clamor, uma agonia horrível. Choravam mães de família como crianças com medo da morte e vendo a família se acabando sem poder dar jeito. Ainda morreu uma tia minha morreu lá na concentração, pois mamãe chorava a toda hora. O povo cavava as valetas à tardinha, quase de noite; encostava ali aqueles corpos e tinha mais uma coisa que cada vez que deixava tristeza de fazer pena e choro, eles abriam os corpos para tirar o fígado. Ah, meu Deus! Ah minha Nossa Senhora! Quando ia fazer isso, mamãe saia correndo lá para a barragem onde hoje está aquela água (Fernanda Maria Simão, 67 anos).

O depoimento de D. Fernanda vem transbordado de emoção ao lembrar o que sua mãe lhe contava sobre o Campo de Concentração em que viveu na seca de 1932. A alimentação era escassa, falta de higiene e o elevado número de pessoas apenas contribuía para a rápida disseminação da cólera. Junto ao sentimento de tristeza e lamentação do povo que não sabia o que fazer para mudar aquela situação de pavor e medo tomava as pessoas ia até o Campo como padrinhos por que eles cuidavam de forma cuidadosa e humanizada.

A mesma relata como é triste vê o povo gemendo de dia de noite, pois precisava ter um coração forte para suportar todo o clamor. Por outro lado, vê a família se acabando e não poder dá jeito. Nessa agonia choravam mães como crianças com medo da morte e vendo sua família se acabando de fome e de sede sem poder dá jeito.

Realmente precisava ter um coração forte para aguentar todas as lamentações do povo, pois essas lembranças são resultado de um passado doloroso que jamais serão esquecidas nas memórias dos descendentes que sobreviveram à seca de 1932. Em falar de memória observe o que diz este outro depoente sobre o Campo de Concentração:

Ainda lembro quando papai contava que quando era de madrugada no Campo de Concentração, ninguém podia dormir em casa por causa do choro, dos gritos e das lamentações das pessoas que começaram a levar seus mortos para o cemitério. Os enterros eram feitos jogando os mortos nas valetas que eram escavadas pelos familiares dos falecidos. Entre os trabalhadores existiam também as torradeiras de café. Quando chegava um boi, o sangue era colocado nos tachões e torrado com o café, servindo de tempero. Acho que foi isso que matou muita gente. As pessoas não podiam sair da área do Campo, mesmo com toda a seca, e quando um pobre cristo se enfezava, era levado para o “Sebo”, uma espécie de prisão feitas com três paus, rodeados de estopas e cercada de guardas. Tudo o que vinha de bom e de ruim era para o camarada aguentar ali (Antônio José da Silva, 104 anos).

O depoimento do Sr. Antônio veio carregado de desespero presente em cada uma daquelas pessoas que se encontrava chorando o murmúrio pela dor da doença e da fome, pois só naquele tempo se torrava café com sangue, jamais tinha ouvido falar disso nos dias atuais. Entretanto, mesmo com sua idade avançada soube dizer com lucidez as memórias do pai referente ao Campo de Concentração.

O mesmo relata que a fome era grande, pois se aproveitava até o sangue do boi como tempero para o café, ai de quem se rebelasse, perdendo o controle da situação, pois caso isso acontecesse, o individuo era levado preso no sebo como castigo.

Analisando tudo isso, deixa-nos angustiado só em ouvir falar, imagina quem viveu essa dolorosa experiência de vê os gritos e as lamentações das pessoas levando seus mortos para o cemitério do Campo de Concentração.

Em meio a tanto sofrimento, as dificuldades dos retirantes aumentavam ainda mais pela quantidade do número elevado de flagelados, mas rigorosa era a vigilância, segundo a historiadora Rios (2001), analisando os depoimentos da época, apresentou matérias que denunciavam as vivências de como era a vida no Campo de Concentração, ou seja, matéria do Jornal O Povo publicado em 25/05/1932, que relata o seguinte: os Campos de Concentração eram como uma prisão. Os que lá chegavam não podiam mais sair, ou melhor, só tinha permissão para se deslocar quando eram convocados para o trabalho, como a construção de estradas e açudes ou obras de “melhoramento urbano” de Fortaleza, ou quando eram transferidos para outro Campo. Os concentrados se deslocavam dentro de caminhões e, a todo o momento, ficavam sob o atento olhar de vigilantes. Na concentração do Patu, por

exemplo, serviço de polícia era feito por duas turmas com 36 homens, divididos em cinco postos durante o dia e seis no correr da noite (Apud RIOS, 2001, p. 59-60).

Como podemos vê, segundo Rios (2001) a desordem no Campo de Concentração era tratado com o caso de polícia, existia até um lugar específico para o castigo e a punição exemplar. O “sebo” como já foi mencionado anteriormente no depoimento do Sr. Antônio José, ficando marcado em memórias dos sertanejos que passaram por este lugar.

Nesse sentido, a existência de um lugar para o castigo era mais uma estratégia no disciplinamento dos flagelados dentro das Concentrações. Mesmo que não fossem utilizados com frequência, somente pelo fato de existirem esses lugares conseguiam fortalecer o controle dos flagelados através de uma intensificação da pedagogia do medo.

Assim, esta notícia assemelha-se com os nossos depoimentos, mesmo que não explicito, mas, ficou claro que nesse contexto todos falavam em uma só voz quando contavam que só tinha permissão para se deslocar quando eram convocados para o trabalho, em construção de estradas e açudes ou outras obras de melhoramento urbano em Fortaleza, e quando eram transferidos para outro Campo de Concentração. A historiadora Rios (2001) destaca ainda que:

Os trabalhos externos e de maior extensão, como estradas de rodagem, calçamento, calçadas, havia os trabalhos internos. O cotidiano dos flagelos era controlado de diferentes formas. Tentava-se atingir suas vidas em várias dimensões. Para os que se destacavam no trabalho, era dada a recompensa de uma melhor “ração” ou ainda uma “diária mínima”. Mas, os concentrados nem sempre concordavam com essa remuneração, alguns se recusavam a receber esmolas pelo seu trabalho e se rebelavam contra a administração dos Campos. Eram presos na delegacia da cidade e outros conseguiam fugir das Concentrações (RIOS, 2001, p. 67).

Dessa forma, ao se rebelarem contra os administradores, tentavam-se apresentar determinada postura como a definição do flagelado. Vale ressaltar, outro aspecto relevante é o nome com o qual os flagelados batizaram o Campo de Concentração. Conforme, a nossa depoente D. Ana chamavam-se de “curral dos pobres, outros diziam curral do governo”. Observamos que na vivência do mundo rural, o sertanejo sabe que o gado precisa ser encurralado para não fugir. O curral é na verdade uma prisão, mais que isso, é uma prisão de animais.

Diante dos fatos analisados, acrescenta D. Ana em suas memórias, “o Campo não era um lugar para gente, era uma prisão que tratava os seres humanos

como bichos”. Assim, na memória de nossos depoentes, o curral foi mais um caso que explicava a forma cruel pela qual o governo costumava assistir os despossuídos. Mas quando chegou à chuva em 1933, o que aconteceu com o povo, veja o que nos conta esta depoente:

No ano de 1933 a chuva chegou e os trabalhos de construção da barragem parou, logo, todo mundo voltou para o seu lugar. Meu Avô sempre foi apaixonado por roça voltou para sua comunidade com a família, assim, tiveram que começar tudo do zero, foi ai que a fome foi grande por que não tinha mais a farinha com rapadura na mão para comer. Quando chegou à comunidade dele para sobreviver tiveram que caçar no mato. E com a graça de Deus comiam o fruto que encontrava, por exemplo, mari, tinha também a mucunã um fruto que descasca e bota para cozinhar e muito bem cozido por que se não fazia mal ou matava. Vovô falava que muita gente morreu dessa alimentação, tinha até o croata, esse era como uma banana tinha que lavar muito bem, por que dava coceira e feria a boca. Do mandacuru se comia tudo, do fruto até o tronco, esse tirava o espinho para assar e comer. Assim, o pessoal se alimentava até o feijão chegar, pois, as terras também ajudavam muito e plantaram logo muito feijão. Mas, até o feijão chegar foi muito sofrimento (Pirrita, 67 anos).

O depoimento de D. Pirrita veio afirmar que a vida no Campo de Concentração não foi nada fácil, mas, quando a chuva chegou em 1933 o povo foi liberado a ir para seus lugares. Embora, muitos dos retirantes não encontrassem nada mais o que deixou nesses lugares, tiveram que começar tudo do zero, e para sobreviverem tiveram que caçar e comiam o que encontrava como relata nossa depoente era, mandacuru, mari e até crotá.

E, quando pensamos que já ouvimos tudo, ai que surpreendemos com mais informações dos nossos depoentes que guarda em memórias a triste historia do Campo de Concentração decorrentes da grande estiagem que o povo sofreu em 1932. Há setenta e dois anos dessa terrível seca, quantas pessoas já ouviu falar de mandacuru, mari, crotá, servindo de fonte alimentar nesse período para o povo. Tudo isso parece ser novo, mas não é, pois, atualmente, estamos vivendo mais um período de escassez.

Como resultado de nossa análise de um modo geral, as memórias dos descendentes que sobreviveram no Campo de Concentração do Patu, permitiu um entendimento maior sobre a multiplicidade de usos da indústria da seca. Percebemos o descaso por parte da Inspeção de Obras Contra as Secas no tocante ao local por não construir banheiros adequados para os flagelados, os depósitos das matérias fecais eram expostos aos olhos de qualquer um, assim,

como a exposição de inúmeras doenças, insetos, por exemplo, as mosca e varejeiras.

A água também ficava a céu aberto, em buracos no chão. Isto demonstra que muitas das doenças que os mesmos vieram a ter e resultar em óbitos ou mesmo pode ter sido resultado direto do local e das péssimas condições de vida em que estavam sujeitos no Campo de Concentração.

Nesse sentido, a conversação com os depoentes sobre esses acontecimentos violentos no Campo nos fez refletir sobre as políticas públicas. As mesmas existem, como medidas paliativas, mas que não dão conta do fenômeno da seca. Notamos que as grandes somas de dinheiro que eram destinadas ao Campo de Concentração no “combate” a seca não eram encaminhados de forma total para os desvalidos. Como, por exemplo, vimos isso claramente na fala dos depoentes, ou seja, não sendo observados na alimentação, na limpeza do local ou mesmo na construção de habitações dos mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados sobre a seca e a atuação das políticas públicas indicam que ocorreram mudanças significativas nas formas de intervenção no semiárido, ou seja, no que foi e está sendo feito para superação das problemáticas decorrente deste fenômeno. Os processos de mudanças têm sido caracterizados por inovações e continuidades, ou seja, há um processo de transição, com a concorrência entre os diversos tipos e formas de intervenção naquela realidade semiárida.

Dessa forma, a intervenção do Estado na região Nordeste sempre foi marcada pela centralização e fragmentação das ações de combate a seca, bem como a ação desenvolvida por órgãos como o DNOCS limitou-se à construção de grandes açudes públicos, perenizando grandes extensões de rios. Inicialmente, a construção de pequenos e médios açudes, se localizava dentro de propriedades privadas, de forma a assegurar água para a produção agropecuária e o funcionamento de agroindústrias. Por outro lado, as obras públicas “contra as secas” tinham o objetivo principal de empregar a população flagelada e evitar ou coibir o êxodo rural.

Verificamos que as políticas públicas de combate à seca no ano de 1932, davam-se através das “medidas de salvação”, ou seja, distribuição de alimentos entre os sertanejos que viviam nos Campos de Concentração e assim, impedir que esses retirantes conseguissem chegar às capitais, e também, havia distribuição de esmolas aos que permaneciam no interior.

Dessa forma, a seca de 1932 desestruturou todo o sistema produtivo rural da região, agravando a situação da grande maioria da população que já enfrentava dificuldades cotidianamente. Por isso, foi necessária a readaptação da rotina dessas famílias, que passaram a buscar nos pouquíssimos recursos que a natureza ainda dispunha, meios para se alimentarem, fazendo uso de frutos do mato como: mandacuru, mari, mucunã e crotá.

Ao lembrar-se desse passado triste e sofrido pelo sertanejo, o que o povo de Senador Pompeu nunca esqueceu foi o chamado Campo de Concentração. Assim, por meio dos depoentes foi possível analisar o que a imprensa local e da região buscou apregoar, esta por sua vez noticiava o envio de verbas para o auxílio da população flagelada, ainda que não tenham sido solicitadas em nome dos retirantes

e para eles, pois na prática beneficiavam os governantes locais e por último, os flagelados.

Dessa forma, os relatos reproduzidos neste estudo demonstrou um espetáculo, tão repugnante quanto desolador, em que o povo viveu por muitos dias como flagelados no Campo de Concentração. Estes suplicavam do governo uma solução sobre a escassez, mas, tudo apenas atenuava um pouco os sofrimentos dessa população como medidas paliativas.

Vale destacar que nada era de graça, pois, segundo os relatos, estes sertanejos trabalhavam arduamente, para receber os alimentos liberados pelo governo, bem como para se beneficiar das medidas de aproveitamento racional dos recursos hídricos, através da construção dos açudes. Assim, esse estudo permitiu-nos compreender, ainda que superficialmente, sobre as várias formas de intervenção estatal na perspectiva de combate à seca e aos seus efeitos.

Então, por meio dos relatos, percebemos os acontecimentos violentos que o povo viveu no Campo de Concentração, ao mesmo tempo guardado na memória um passado de sofrimento, fome e miséria. Nesse sentido, manter ativa a memória faz parte de um processo posterior a demasiadas etapas, sendo necessário, o esforço para que se mantenha a memória referente a um determinado acontecimento no âmbito da existência possível de se alcançar.

Contudo, depara-se, antes, com uma condição que virá a se tornar parcela da memória, que em contraposição poder-se-á se tornar também parcela de esquecimento. A salva guarda para que essa condição da memória não seja perdida no passado e no esquecimento depende de uma motivação mínima, de forma a permitir um impulso para se tornar a memória em um fato que também permeie o presente, desde que sob novas circunstâncias.

Nesse sentido, a escassez é um problema preocupante, ao mesmo tempo não é recente aos olhos do poder público, por isso faz-se necessário à ampliação de pesquisas e estudos aprofundados nessa perspectiva para a criação de novos métodos e novas técnicas para a sobrevivência com o semiárido, pois os programas assistencialistas em vigor atualmente, infelizmente não estão sendo suficientes para suprir as necessidades de todos aqueles que sofrem diretamente com os efeitos de estiagem.

No entanto, o fenômeno da seca tem suas peculiaridades e particularidades, porém, seus efeitos na maioria das vezes causam transtornos para várias pessoas,

principalmente as mais desprovidas de recursos financeiros. Assim, compete ao poder público a missão de tornar esses efeitos menos prejudiciais a população dando assistência e amparo aos que necessitam, tomando como exemplo, a seca de 1932 e acontecimentos como o que houve na Barragem Patu não venha se repetir.

Portanto, nosso estudo trouxe fatores e bases de dados para que venham contribuir na construção de novas formas de convivência com a seca, não só pela análise dos registros bibliográficos, mas, pelos depoimentos dos descendentes da seca de 1932, afinal esses representam uma fonte fundamental neste trabalho. Não vamos deixar as memórias dos depoentes esquecidas, pois, história é vida e vida se faz com história.

Diante o exposto anteriormente, constatou-se também que o Campo de Concentração do Patu e a Caminhada da Seca estão relacionados por seus legados da memória e sua significação aos pompeuenses. O que pudemos concluir, é que esse esforço mínimo não pode estar desacompanhado, pois sem os mecanismos legais próprios à proteção dessa memória, há novamente a ameaça do esquecimento, assim, vamos manter a preservação dessas lembranças, tanto em relação ao patrimônio material quanto em relação ao patrimônio imaterial, estando tal proteção obrigada à coletividade e ao Estado.

Assim, a memória da seca no Campo de Concentração se torna mais forte pela existência de um patrimônio material, representado pela religiosidade popular com a Caminhada da seca começando da igreja matriz (Nossa Senhora das Dores) até Cemitério da Barragem Patu.

Por outro lado, os programas sociais implantados pelos governos ao longo dos tempos reduziram significativamente os impactos sobre as populações. As instituições evoluíram muito no conhecimento sobre a gestão dos estoques de água nos açudes e poços profundos.

Em síntese, não se pode deixar de reconhecer que muito foi feito para que a sociedade nordestina pudesse crescer e se industrializar em uma região que as condições naturais não teriam a mínima condição de sustentabilidade. Há ainda muitos desafios, como aumento de conhecimento, principalmente no que diz respeito à qualidade das águas dos reservatórios, a redução, ou eliminação, das poluições dos corpos hídricos constitui-se no maior desafio para os futuros governos.

Dessa forma, a seca sob o olhar do sertanejo perpassa toda a questão das políticas públicas e os Assistentes Sociais que trabalham com as políticas públicas precisa está atentos, familiarizado e abastecido de conhecimento nessa área. Por que é através das políticas públicas sociais que pode chegar àqueles que mais necessitam, enquanto os Assistentes Sociais são os mediadores para efetivação dessas políticas.

Trazer isso aos profissionais de Assistência Social é de grande relevância, já que é tema pouco explorado, pouco executado, até mesmo pouco pesquisado em relação à seca, pois, se fala muito isso voltado para politicagem em si, para o aparato estatal, mas, não se fala da questão da mediação.

Aqui, nas considerações finais, deixamos subjacente, a importância disso para aqueles que vão trabalhar com as políticas públicas, no caso específico, os Assistentes Sociais. E que esse tema seja palco de novos olhares, principalmente para aqueles das ciências humanas sociais e sinta como pesquisadora protagonista de elaborar novos conhecimentos, novas formas teóricas, até definir outras categorias que possa servir de apoio ao desenvolvimento de novas políticas públicas, destinado a esse público específico que convive com esse problema social que é a seca.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **O preconceito contra o nordestino**. São Paulo: Cortez, 2007.

ANDRADE, F. A. D. **O secular problema das secas do Nordeste brasileiro**. Boletim Cearense de Agronomia, 1970.

ANDRADE, M. C. **A terra e o homem do Nordeste**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1998.

ALVES, J. **História das secas: séculos XVII a XIX**. 2. ed. Mossoró: Esam, 1982.

ALVES, J. **História das secas** (séculos XVII a XIX) Edição Fac-Similar 1953. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2003.

ARIÉS, Philippe. **Um historiador diletante**. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1994.

BRASIL, T. P. S. População do Ceará em 1889. **Revista do Instituto do Ceará**, T. 4, 1890.

BRASIL. Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. **Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CASTRO, J. **Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CAMPOS, José Nilson B.. **Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos**. Estud. av. [online]. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142014000300005>>. Acesso em: ago. 2015.

CAMPOS, J.N.B., STUDART, T.M.C. e LIMA, H.C. **Secas no Nordeste Brasileiro diante de um Cenário de Mudanças Climáticas**. Associação Brasileira de Recursos Hídricos. Anais do II Simpósio de Recursos Hídricos do Nordeste, Fortaleza- Ce, 1994.

CARDIM, F. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925. Disponível em:<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02119000>>. Acesso em agosto de 2015, 20:30 hs.

**CAMPOS, J. N. B. ; STUDART, T. M. C. . Secas no Nordeste do Brasil: origens, causas e soluções.** Anais do IV Diálogo Interamericano de. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2001.

CARVALHO, O. D. **A economia política do Nordeste: secas, irrigação e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Campos, 1988.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2005.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1980, 8 reimpressões, 3. ed. 1995.

DEMARTINI, Zeila de B. F. **Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa.** São Paulo: CERU, 1992.

DUQUE, J. G. **Perspectivas nordestinas.** 2. ed. Fortaleza: BNB, 2004.

GUERRA, Paulo de Brito. **A civilização da seca.** Fortaleza: DNOCS, 1981.

GIOVANAZZI, João Paulo. **Migalhas do Sertão.** Dalla Tipografia "LA RECLAME"-Trento. Itália, 1998.

GIOVANAZZI, João Paulo. **Paróquia de Nossa Senhora das Dores. 80 anos servindo ao senhor.** Paraíba, 1999.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

**Instituto Brasileiro de geografia e Estatística IBGE-2015.** Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/23D5H>>. Acesso em: nov. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JUCÁ Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** -2 ed. - Fortaleza: Premium, 2011.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Técnicas de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1975). "Aula inaugural". In: **Desvendando Máscaras Sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves. \_\_\_\_\_ (2003).

LEVINE, D. M.; et al. **Estatística: teoria e aplicações.** 5. ed. Rio de Janeiro: TLC, 2008.

MARTINELLI, Maria L (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Org.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: eduel, 2003.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, 1990/1991.

MAGALHÃES, A. R.; GLANTZ, M. **Socioeconomic impacts of climate variations and policy responses in Brazil**. Brasília: Fundação Esquel do Brasil, 1992.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

MEDEIROS F, J. e SOUZA. **A seca do Nordeste, um falso problema. A política de combate às secas antes e depois da SUDENE**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (1999). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6.ed. São Paulo: Hucitec. \_\_\_\_\_ (2010). Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. In: **Revista Emancipação**. Ponta Grossa: n. 10, pp. 435-442.

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco; 2007.  
Disponível:<<http://www.webartigos.com/artigos/conceitos-em-pesquisa-cientifica/10409/#ixzz3s1sZq7n2>>. Acesso em: out. 2015.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional. **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Semiárido**. Brasília: MI-SDR, 2005.

NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste**. A construção da memória regional: SECULT-CE, Fortaleza, 1994.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social: estudos históricos**. Revista Estudos Históricos, CPDOC,/ FGV Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMPEU SOBRINHO, T. **História das secas: século XX**. 2. ed. Mossoró: Esam, 1982.

POMPEU Sobrinho, Tomás. **História das secas (Século XX)**, da coleção "Historia do Ceará" do Instituto do Ceará – Ed. A. Batista Fontenele – Fortaleza-CE, 1953.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes; MACHADO, Thiago Adriano. **Desenvolvimento Sustentável e Convivência com o Semiárido: o caso do programa um milhão de cisternas rurais no nordeste brasileiro.** Universidade Federal de Pernambuco. Ano: 2012.

QUEIROZ, R. de. **O Quinze.** 77. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 48. ed. São Paulo: Record, 1982.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração: isolamento e poder na seca de 1932.** Fortaleza: - Museu do Ceará/Secretária da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento.** 2006. 298 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOUZA, Simone de. **Uma nova historia do Ceará.** 4. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2007.

SUASSUNA, Ariano. **A pena e a lei.** 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

TEÓFILO, Rodolfo; introdução de Lira Neto. **A fome.** Ex. 5. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.

#### **Fontes:**

Jornal o Povo, 1931.

Jornal Paulista, 1931.

Jornal o Nordeste, 1931.

Jornal o Nordeste, 1932.

Jornal Estado de São Paulo, 1979.

Jornal Diário do Nordeste, 2000.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Ficha de Identificação

Nome: \_\_\_\_\_

Como é mais conhecido (a): \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino      Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ N.º: \_\_\_\_\_

Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ Celular: \_\_\_\_\_

Estado Civil: ( ) casado(a) ( ) solteiro(a) ( ) viúvo(a) ( ) separado(a)/divorciado(a) ( )

Outros: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) não alfabetizado(a) ( ) alfabetizado(a) ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo

Religião: \_\_\_\_\_ Recebe BPC: ( ) sim ( ) não

Profissão: \_\_\_\_\_

Obs.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – Roteiro Orientador Entrevistas

1. Como o (a) senhor (a) gostaria de ser chamado (a)?

---
2. O que seus pais lhe relataram a respeito dos acontecimentos decorrente da seca de 1932?
3. Qual sua percepção em relação ao Campo de Concentração que foi instalado em Senador Pompeu-CE durante a seca de 1932?
4. O que você vê sobre a real dificuldade enfrentada pela a população nos períodos de estiagem ou mais especificamente na seca de 1932?
5. Como seus pais ou avó/vô fizeram para sobreviver à seca de 1932?
6. Qual era a principal fonte para se adquirir água para a família na seca de 1932?
7. Por que o povo ficou preso no Campo de Concentração na seca de 1932?
8. A comida e a água eram suficientes para saciar a fome e a sede do povo na seca de 1932?
9. Como sua família fazia para curar-se das doenças que atormentava o povo?
10. Em sua opinião que tipo de políticas públicas deveria ser implementado pelo o governo para se conviver com à seca nos dias atuais no município de Senador Pompeu-Ce?

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: “O Sertão e a seca de 1932 sob o olhar do sertanejo: relatos e memórias do povo de Senador Pompeu-Ce” desenvolvida por Luciane Cardoso Sá. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Virzângela Paula Sandy Mendes, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) 99693517. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais busca compreender a história da seca de 1932, através dos relatos e memórias da população do município de Senador Pompeu-CE, analisando como a problemática da seca tem afetado a vida do povo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (sua) orientador (a). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Senador Pompeu-Ce, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2015.

---

Assinatura do(a) participante

---

Assinatura do(a) pesquisador (a)

---

Assinatura da testemunha

ANEXO A – Declaração Revisão e Correção

Revisão & Correção de Trabalhos  
Guilherme Carneiro

2015

**DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que eu, **Guilherme Araújo Carneiro**, portador do RG: 91006030362 SSP-CE e CPF: 008660983-13, Bacharel em Comunicação Social (DeVry) em 2007 e Especialista em Revisão de Textos em 2014 (PUC Minas), realizeia análise e correção ortográfica e apliquei a normatização da ABNT na monografia intitulada: **O SERTÃO E A SECA DE 1932 SOB O OLHAR DO SERTANEJO: RELATOS E MEMÓRIAS DO POVO DE SENADOR POMPEU-CE**, da aluna **Luciane Cardoso Sá**, Bacharel pela Faculdade Ratio, no curso superior de Serviço Social (2015.2).

GUILHERME ARAÚJO CARNEIRO

Fortaleza, 20 de dezembro de 2015